

LACRE

Literatura, arte, cultura & recordes

ANO V - Ed. 111- 2ª quinzena de Julho de 2026

BETE COELHO E CAMILA PITANGA ESTREIAM “LIA LIA” EM SÃO PAULO

Juntas pela primeira vez no palco, Bete Coelho e Camila Pitanga apresentam o espetáculo Lia Lia em São Paulo, no Centro Cultural FIESP, em curta temporada, até 9 de agosto. Pág 24

FRONTEIRAS DO TRABALHO MIGRAÇÃO DECASSÉGUI E REPRODUÇÃO SOCIAL

Mariana Shinohara Roncato

Os trabalhadores imigrantes no Japão são conhecidos como decasségui, que significa algo como “sair para trabalhar”. A comunidade brasileira que vive no arquipélago nessas condições contabiliza mais de 200 mil pessoas, em 30 anos de fluxo migratório. Em *Fronteiras do trabalho: migração decasségui e reprodução social*, nova obra da coleção Mundo do Trabalho, Mariana Shinohara Roncato investiga o fenômeno migratório sob as lentes de classe, gênero, raça e etnia, entrelaçados à teoria da reprodução social.

Roncato, que viveu dez anos como imigrante no Japão, retorna à cidade de Toyota para uma pesquisa in loco sobre as condições de trabalho dos brasileiros que trabalham nas fábricas da montadora de mesmo nome, bem como em uma série de outros empreendimentos e serviços locais. Com o constante encolhimento da população japonesa, a necessidade laboral de imigrantes só cresce. A carência da força de trabalho japonesa, somada à questão econômica, conflitos étnicos e de gênero, gera contradições visíveis que

se manifestam no país por meio da exploração e opressão.

A partir da investigação de como se produz e mantém essa força de trabalho no Japão, a autora apresenta as disparidades salariais e de jornada entre japoneses, brasileiros, homens, mulheres, e outros imigrantes: “Em média, um decasségui trabalha seis dias por semana, com uma jornada diária de trabalho de dez, doze horas, podendo chegar a mais horas dependendo da produção. Diferentemente de trabalhadores com contratos por tempo indeterminado – os japoneses –, o decasségui recebe por hora, por isso a necessidade de cumprir horas extras para assegurar sua subsistência e, se possível, constituir uma poupança”.

Trecho

“A existência da força de trabalho imigrante constitui-se como funcional ao capital em diversos sentidos, tais como: rebaixar o preço da força de trabalho local; aumentar a concorrência entre trabalhadores; fragmentar a classe social; legitimar certas políticas repressivas e de controle da população; suprir a carência de força de trabalho em alguns setores, entre outros.

O caso decasségui também parece se encaixar nas funcionalidades descritas acima. Embora a carência de força de trabalho na indústria japonesa tenha atraído nikkeis espalhados pelo mundo, o mercado japonês não pode absorver toda essa população, tampouco garantir a ela estabilidade do trabalho. Isto é: há, por parte do capital, a constante necessidade de manter um contingente a margem



dos direitos sociais auferidos para a população, subempregados e submetidos a relações informais, alta rotatividade de trabalho e ameaça de desemprego”.

Sobre a autora

Mariana Shinohara Roncato @mari.shi.ron é socióloga, professora da UFPB e pesquisadora colaboradora da Unicamp. É doutora e mestra em sociologia pela Unicamp e graduada em ciências sociais pela UEL. Foi pesquisadora visitan-

te da Universidade de Sophia/Tóquio, Japão, entre 2016 e 2017. É integrante do grupo de pesquisa Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses sob a coordenação do professor Ricardo Antunes e membra do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social. Pela Boitempo, publicou Trabalho em plataformas: regulamentação ou desregulamentação? O exemplo da Europa (2024), com Christina Hiesl, Marco Gonsales, Murillo van der Laan e Ricardo Antunes.

Ficha técnica: Fronteiras do trabalho: migração decasségui e reprodução social, Mariana Shinohara Roncato / Prefácio: Ricardo Antunes / Orelha: Juliana Sayuri / Quarta capa: Lívia Moraes / Capa: Maikon Nery / Páginas: 272 / Preço: R\$ 73,00 Preço e-book: R\$ 59,00- / Apoio: Fapesp / Editora: Boitempo @boitempo / Ano de lançamento: 2026 Disponível em: 17 de agosto de 2026

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da Editora Página Leste - CNPJ 42.935.406/0001-06

Editor: J. de Mendonça Neto

Mtb 32792 - ABJ. No 4287

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

laczine@gmail.com

Whatsapp (11)99664-5072

<https://paginaleste.wordpress.com/>

<https://brazilarchive.com.br/revista-lacre/>

[instagram.com/zinelacre](https://www.instagram.com/zinelacre)

QUER APOIAR A REVISTA

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com

ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA REPRESENTAÇÕES DE LUIZ CARLOS PRESTES

Anita Leocadia Prestes

Entre memória e história: representações de Luiz Carlos Prestes, nova obra da historiadora Anita Leocadia Prestes, examina de forma rigorosa as principais narrativas sobre Luiz Carlos Prestes presentes na historiografia e na memorialística brasileiras. O resultado revela como décadas de silenciamentos, assim como de calúnias e falsificações, construíram diferentes versões de um dos maiores nomes da história política do Brasil.

Com base em extensa pesquisa – incluindo correspondências, documentos partidários e a produção de centenas de autores –, Anita demonstra como o anticomunismo operou, muitas vezes de forma velada, para deslegitimar a trajetória de Prestes, desde sua adesão ao PCB, na década de 1930, até seus últimos anos de militância.

A autora passa pelos principais pontos da vida de Prestes, como sua formação marxista-leninista, seus anos de cárcere, a Coluna Prestes, a história do PCB, a atuação política nos anos Vargas, o movimento antifascista de 1935, o período da ditadura civil-militar: “Este livro é precioso. Nele o leitor encontra informações nunca antes reunidas em uma só obra”, escreve Carlos Alberto Barão no texto de orelha.

Trecho

“Entre outras falsas versões a respeito da Coluna Prestes, a adoção por seu comando da tática da chamada ‘guerra de movimento’ é deturpada ou silenciada. Devido à inferioridade numérica e de armamento dos rebeldes, Prestes inovou ao executar uma tática conhecida como ‘guerra de movimento’ – deslocar-se com grande rapidez, mantendo

contato com o inimigo para assim conhecer seus movimentos e persegui-lo com eficácia. As ‘potreadas’ – pequenos grupos de soldados que se afastavam da tropa rebelde para obter informações levadas aos comandantes – cumpriam essa missão. Mobilidade e surpresa, dois aspectos da ‘guerra de movimento’, garantiram aos rebeldes o rompimento do cerco de São Luiz Gonzaga, a formação da Coluna Prestes e a marcha exitosa rumo ao Paraná e posteriormente através de treze estados do Brasil, derrotando dezoito generais do Exército brasileiro, aferrados à tática da ‘guerra de posição’, que lhes fora transmitida pela Missão Militar Francesa, chegada ao Brasil em 1919. Da mesma forma, a acusação de um suposto banditismo das tropas rebeldes é usada por vezes como argumento para desmerecer e desqualificar o papel de Luiz Carlos Prestes à frente da Marcha”.

Sobre a autora

Anita Leocadia Prestes é filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário Prestes. Nasceu em 1936, em Berlim, na Alemanha, numa prisão de mulheres, onde estava presa sua mãe. Anita foi militante e dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1973 foi condenada à revelia a quatro anos e meio de prisão e teve os direitos políticos cassados. Afastou-se do PCB juntamente com seu pai, no fim da década de 1970. É doutora em história social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é professora aposentada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pela Boitempo, publicou *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro* (2015), *Olga Benário Prestes:*



uma comunista nos arquivos da Gestapo (2017), *Viver é tomar partido: memórias* (2019) e *A Coluna Prestes* (2024).

Ficha técnica: Entre memória e história: representações de Luiz Carlos Prestes, Anita Leocadia Prestes / Orelha: Carlos Alberto Barão / Capa: Livia Viganó, sobre foto do acervo da autora / Páginas: 272 / Preço: R\$ 75,00 - Preço e-book: R\$ 60,00 Editora: Boitempo @boitempo / Ano de lançamento: 2026 / Disponível em: 21/07

LEIA!

SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.

SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix:

laczine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com

“SÓ VALE A PENA SE HOVER ENCANTO”: ROMANCE DO ANDRÉ GIUSTI ACOMPANHA JORNALISTA EM COLAPSO PESSOAL NOS BASTIDORES DE BRASÍLIA

Publicado pela editora Caos e Letras, livro marca a estreia do autor no romance; Giusti já foi semifinalista do Oceanos e finalista do Jabuti com livros de contos

Semifinalista do Prêmio Oceanos em 2024, o escritor André Giusti (@andregiustim68) lança seu primeiro romance, “Só vale a pena se houver encanto”. Publicada pela editora Caos e Letras @caoseletras (368 págs.), a obra acompanha a trajetória de Alessandro Romani, jornalista e escritor carioca radicado em Brasília, cuja vida atravessa uma sequência de perdas — desemprego, separação e morte — em meio aos bastidores da cobertura de acontecimentos recentes da política brasileira, como as manifestações de 2013 e a ascensão e queda da primeira presidenta do país.

Escrito ao longo de onze anos, o livro é conduzido por uma prosa coloquial, atravessada por imagens poéticas pontuais, e mergulha na crise existencial de seu protagonista. Em colapso pessoal e profissional, Alessandro se recusa a aceitar a vida como uma mera sucessão de obrigações e boletos a pagar. Acaba encontrando na terapia um espaço de enfrentamento de si mesmo.

A orelha da obra, assinada por Stella Maris Rezende, destaca as contradições humanas que atravessam a narrativa: “Com o casamento em ruínas, recorrentes fracassos no trabalho, a terapia semanal e o relacionamento amoroso com mulheres instigantes, o protagonista-narrador vive angustiado em seu intenso amor pelas três filhas e um olhar agudamente crítico sobre todas as coisas.” E resume: “É fascinante a saga em busca de uma vida que tenha encanto.”

O romance também tem sido elogiado por outros nomes da cena literária. Sérgio Tavares o define como um mergulho no devir masculino, enquanto Débora Ferraz aproxima o tom do narrador ao

de Fiódor Dostoiévski em “Notas do subsolo”, destacando a dimensão trágica e, ao mesmo tempo, patética do personagem.

Pai de três meninas, divorciado, fã de rock e blues e já lidando com os primeiros sinais do envelhecimento, Alessandro reflete sobre paternidade, precariedade do jornalismo, virilidade e as expectativas de futuro que atravessam toda uma geração. O colapso da saúde mental masculina e da própria ideia de masculinidade estrutura uma narrativa que também expõe a dificuldade dos homens em se abrirem entre si e olharem para dentro.

Para Giusti, o eixo central do livro está na tentativa de ampliar o sentido da existência: “A gente precisa entender que a dor, a decepção, a derrota, o abandono, a frustração, o fracasso e as perdas fazem parte da vida. A gente trata tudo isso como um fato extracampo, mas não é.”

O autor também comenta a relação entre ficção e experiência pessoal: “Alessandro Romani foi criado a partir da minha costela, certamente, mas ele sou eu e mais tantas pessoas verdadeiras ou fictícias. Se é autoficção que chamam, tudo bem, não vejo nenhum problema, e acredito que não se começou a fazer isso apenas de uns tempos pra cá.”

André Giusti: entre o jornalismo e a literatura

Nascido no Rio de Janeiro, onde viveu até os trinta anos, André Giusti reside em Brasília desde então. Sua trajetória no jornalismo inclui passagens pelo Sistema Globo de Rádio (Rádio CBN), Grupo Bandeirantes de Comunicação, Fundação Roquete Pinto (TVE-RJ), Rádio e TV Justiça, entre outros. Atualmente, é assessor de imprensa do Senado Federal e repórter freelancer do #Colabora.

Na literatura, foi finalista do Prêmio Jabuti em 1997 com “Vendo Pela Noite, Até de Manhã”



(7Letras, 1996) e semifinalista do Oceanos 2024 com “As Filhas Moravam Com Ele” (Caos e Letras, 2023). “Só vale a pena se houver encanto” é seu 11º livro e primeiro romance.

Suas influências literárias remontam à adolescência, quando começou a escrever com o desejo de ser compositor. Apaixonado por rock e blues, incorpora a musicalidade desses gêneros à sua escrita. Entre suas referências estão Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo, Mário Quintana e Chacal. Nos últimos trinta anos, autores como John Fante e Charles Bukowski passaram a ocupar lugar central em sua estante, ao lado de Lygia Fagundes Telles, referência tanto temática quanto formal.

Atualmente, Giusti trabalha em um novo livro de contos, ainda sem previsão de publicação.

Ficha técnica: Só vale a pena se houver encanto, André Giusti / Instagram: <https://www.instagram.com/andregiustim68/> / 368 págs Romance / Caos e Letras Ano: 2026 Venda: <https://www.caoseletras.com/so-vale-a-pena-se-houver-encanto-andre-giusti/p>



ESCRITOR E ROTEIRISTA CELSO TÁDHEI LANÇA DISTOPIA “DERRISÃO” E RETOMA PARCERIA COM A GLOBO

Finalista do Jabuti 2025 apresenta romance em que o riso é criminalizado; autor também integra equipe de Daniel Ortiz na nova novela das sete e é roteirista colaborador de nova novela do Globoplay

A Festa Literária Internacional de Paraty – Flip 2026 recebeu o lançamento de *Derrisão* (Mondru Editora @mondrueditora), novo romance de Celso Tádhei, finalista do Prêmio Jabuti 2025 com A Casa da Ópera de Manoel Luiz. Na trama, uma onda gigantesca de gelo se ergue sobre a praia de Copacabana e fica paralisada, e cientistas descobrem que o riso humano é o ponto de fragilidade da estrutura, o que leva o governo a monitorar, restringir e, por fim, proibir a gargalhada.

No dia 23 de julho, Celso Tádhei @celsoataddei integrou a mesa “Ficção histórica e reparação: reescrever o passado silenciado”, com o escritor Danilo Heitor, no espaço da editora orlando, na Casa Opera. Na sexta-feira, 24 de julho, o autor realizou sessão de autógrafos no estande da com.tato @com-tatocomunicacao, localizado na Casa Escreva, Garota!. No mesmo dia, Celso também participou de uma mesa redonda no auditório do Areal, ao lado dos escritores Ângela Chaves e Murilo Velludo. Já no sábado, 25 de julho, o autor fez a segunda sessão no estande da Mondru.

O livro acompanha Tito Bastos, roteirista de humor, cuja vida e profissão se tornam alvo de um sistema de controle cada vez mais opressor. “Os temas centrais de *Derrisão* são medo, controle, liberdade, comportamento coletivo e a função do humor na vida

humana”, resume o autor. “O romance usa a ficção científica e a sátira para discutir uma pergunta simples: o que acontece quando uma sociedade decide abrir mão da alegria em troca da promessa de segurança?”

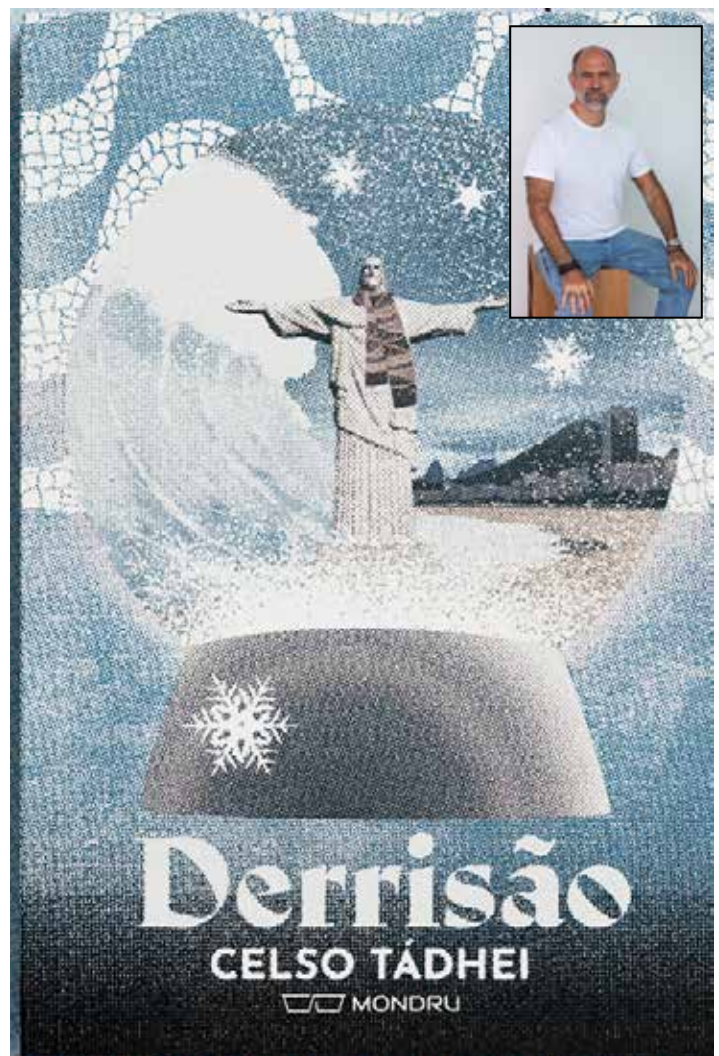
A escolha de Copacabana como cenário não é casual. Tádhei, que morou no bairro, transforma sua geografia afetiva em personagem: a orla agora tomada por uma muralha de gelo. “Primeiro de tudo, me veio a imagem dessa superonda congelada. Achei uma imagem forte: uma tensão constante, uma ameaça permanente que, a qualquer instante, poderia decidir engolir a cidade”, conta.

Mais do que uma distopia, o romance é uma reflexão sobre o que se perde quando o humor é silenciado. “O riso costuma ser tratado como algo leve ou secundário, mas ele está profundamente ligado à nossa capacidade de lidar com a dor, criar vínculos, questionar autoridades e enxergar contradições”, diz o escritor. “Se eu tivesse que resumir a principal reflexão do romance em uma frase, seria esta: algumas coisas que nos tornam humanos são inseparáveis da nossa vulnerabilidade, da nossa disposição de correr riscos, de nos expormos ao olhar, à crítica, mas também ao abraço do outro.”

O autor cita entre suas influências Kurt Vonnegut, o Machado de Assis de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, as distopias de George Orwell e Ray Bradbury, e a imaginação libertária de Ursula K. Le Guin.

Retorno à Globo

Além do lançamento literário, 2026 marca o retorno



de Celso Tádhei ao time de autores da TV Globo. O roteirista, que trabalhou por 23 anos na emissora e foi chefe de roteiro de programas como *Zorra* (indicado ao Emmy Internacional), agora integra a equipe do autor Daniel Ortiz em sua próxima novela das sete. Tádhei atua como colaborador do folhetim, que também será capitaneado por Flávia Bessone e Victor Atherino, dupla que já trabalhou com Marcos Bernstein em *Orgulho e Paixão*. “Sou muito fã do Daniel, um fazedor de sucessos incrível, e agora, enquanto vou conhecendo seu jeito de trabalhar, minha admiração só aumenta: percebo um autor muito seguro, dedicado, tranquilo, engraçado e criativo”, diz Tádhei. A nova trama, uma comédia romântica com previsão de estreia para março de 2027 (ainda sem título), acompanha mulheres que enfrentam dificuldades e precisam se unir para re-

construir suas vidas. O autor também foi roteirista colaborador de “Paraíso perdido”, novela do Globoplay de George Moura e Sergio Goldenberg, que já conta com Maeve Jinkings, Juliano Floss e Alexandre Nero como autores confirmados. A gravação está prestes a iniciar nos Estúdios Globo.

Sobre o autor Celso Tádhei é roteirista, escritor e professor, com formação em Artes Cênicas pela UNIRIO. Na TV Globo, escreveu clássicos como *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e *Chico Anysio – Cartão de Visitas*. É autor de peças teatrais como *O Alienista* (Prêmio Cenym de Melhor Texto Adaptado) e *O Baterista*, além de filmes como *Os Caras de Pau* e o misterioso *Roubo do Anel*. Um dos fundadores da Escola de Roteiro Levante 42, ministra oficinas de escrita criativa e dramaturgia. A Casa da Ópera de Manoel Luiz é seu primeiro romance, finalista do Prêmio Jabuti 2025.

“GUIA DE CONDUTA PARA MULHERES BRAVAS”, DE MARINA JERUSALINSKY, É SEMIFINALISTA DO JABUTI ACADÊMICO

Indicada na categoria Divulgação Científica, a obra resgata a história de mulheres silenciadas e inspira os debates que a pesquisadora levou a duas mesas e uma sessão de autógrafos na Casa Opera

A pesquisadora, artista visual e escritora Marina Jerusalinsky [@marina.artetexto](#) é semifinalista do Prêmio Jabuti Acadêmico na categoria Divulgação Científica (Eixo Prêmios Especiais) com *Guia de conduta para mulheres bravas* (editora orlando [@editoraorlando](#), 159 págs.). Na obra, a autora mergulha na história do “Juízo das Bravas”, julgamento que, entre os séculos XIV e XVIII, punia mulheres por falarem de forma considerada “inapropriada” em espaços públicos, e discute como esses mecanismos de controle da fala e do comportamento feminino permanecem presentes na sociedade contemporânea. A autora também integra a programação da Flip 2026 com duas mesas e uma sessão de autógrafos na Casa Opera, no Centro Histórico de Paraty.

Na quinta-feira (23), às 11h, Marina participou da mesa “O corpo e o planeta como campo de batalha: violência contra mulheres, luto pela terra e libertação”, ao lado de Sandra Godinho e Myriam Scotti. Já no sábado (25), realizou sessão de autógrafos de *Guia de conduta para mulheres bravas* e integrou a mesa “A escrita como ato político”, com Danilo Heitor e Rafael Caneca.

Em *Guia de conduta para mulheres bravas* (editora orlando, 159 págs.), Marina Jerusalinsky combina pesquisa histórica, relatos de mulheres contemporâneas e um projeto gráfico ousado para expor como mecanismos históricos de controle sobre a fala feminina ecoam até hoje. O texto da quarta capa é assinado pela escritora, artista visual e designer gráfica Marcela Scheid. A arte da capa e as ilustrações do livro são de Marina Jerusalinsky e Lídia Ganhito, designer gráfica e artista visual.



Com 59 irônicas “lições de conduta”, o livro traz experiências reais de mulheres brasileiras e portuguesas, mostrando como expressões misóginas ainda as categorizam. “Essa pesquisa me ajudou a entender as origens das concepções sobre ‘a mulher ideal’ e como enfrentá-las”, diz Marina, que transformou seu doutorado em uma crítica afiada aos estereótipos de gênero.

A autora não poupa referências literárias e históricas para desmontar narrativas que buscam limitar o que mulheres podem ser ou fazer. “O livro adota um posicionamento feminista ao resgatar fatos marginalizados e dar voz às próprias mulheres sobre as palavras que as oprimem”, explica. Entre os exemplos do livro, destaca-se a lição “Brava”, que satiriza a criminalização da fala feminina:

“Uma mulher pode ser considerada brava ao levantar a voz, ser veemente, discordar, ou falar com irritação – atos completamente inconvenientes e condenáveis. Todos esses elementos vão contra a obrigação docilidade feminina, sem a qual seria muito mais difícil que nos dominassem como convém.”

A obra também revela como estereótipos coloniais persistem, especialmente contra as brasileiras em Portugal. Em “Para Brasileiras em Portugal”, ela expõe frases ditas por portugueses, como “Vo-



cês vêm para cá para roubar nossos maridos” e “Ao menos servem para cuidar de nós”, evidenciando as contradições e a violência dessas acusações. “Essas ‘lições’ mostram como a linguagem perpetua opressões, mas também como podemos desmontá-las com ironia”, reflete a autora.

Sobre a autora

Marina Jerusalinsky é artista visual, pesquisadora e escritora. Semifinalista do Prêmio Jabuti Acadêmico na categoria Divulgação Científica (Eixo Prêmios Especiais), é doutora em Artes pela Universidade de São Paulo, mestra em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalha com a palavra de modo transdisciplinar há mais de dez anos, em projetos de arte participativa, livros de artista e leitura crítica e revisão de textos. Tam-

bém é autora do livro *Adjetivo Feminino: Dicionário de Experiências* (Bebel Books, 2022).

Sobre a orlando

A editora orlando, fundada pelos jornalistas Karol Lopes, Marcela Güther e Vincent Sesering (também sócios da agência de comunicação literária com.tato), nasceu para dar voz a escritores independentes com qualidade e profissionalismo. Com o lema “Histórias que desafiam o tempo”, oferece serviços completos de edição, revisão, design e divulgação, além de catálogos organizados em selos específicos: zigzague (infantil), dobradura (poesia), espiral (ficção) e brecha (não ficção). Mais que publicar livros, aposta em estratégias de visibilidade para conectar autores e leitores.

Ficha técnica: *Guia de conduta para mulheres bravas*, Marina Jerusalinsky, 159 págs. Gênero: Não ficção Editora: orlando Ano: 2025

ENTRE TERRA, SANGUE E PRAZER: CAROLINA SANTOS LANÇA O PREMIADO BOCAS MESTIÇAS NA FLIP 2026

Vencedor do 2º Prêmio Tato Literário, livro reúne contos escritos ao longo de 12 anos que transformam experiências íntimas em reflexão sobre o Brasil contemporâneo

A editora orlando @editoraorlando lançou na 24ª Feira Literária Internacional de Paraty (Flip) Bocas Mestiças, da escritora e socióloga goiana Carolina Santos. Vencedor do 2º Prêmio Tato Literário na categoria Contos, o livro reúne narrativas interligadas que formam um mosaico sobre identidade, ancestralidade e resistência no Brasil. Com uma prosa que transita entre realismo, lirismo e elementos fantásticos, a obra coloca em cena personagens em conflito com as imposições de raça, gênero, classe e família. A autora lançou a obra no dia 24 de julho em sessão de autógrafo no espaço da editora orlando na Casa Opera, no Centro Histórico de Paraty. Antes, participou da mesa de conversa “Classismo, racismo e ascensão social na literatura brasileira”, com os autores Maurício Mendes, Marcelo Nery e Rafael Caneca.

O título já anuncia o que o leitor encontrará: “Bocas mestiças é para quem não tem medo de sujar as mãos de terra, de leite, de sangue e de prazer. É para quem sabe que a guerra nunca terminou. E que a poesia e a literatura, muitas vezes, são as únicas armas que nos restam”. Mulheres, crianças e corpos dissidentes ocupam o centro da cena não como vítimas, mas como forças vivas que dançam, gozam, resistem e reinventam o mundo em meio ao caos.

O percurso de escrita do livro é também uma travessia pessoal e política da autora. “A diferença entre eles é de 12 anos, 3 eleições presidenciais e 3 copas do mundo”, conta Carolina Santos, referindo-se ao intervalo entre o primeiro conto escrito, “Colar Essencial”, e o último,

“Sem carne e em chamas”. “Eu comecei com a história de uma mulher jovem e solteira buscando sua revolução erótica e íntima, na defesa de uma solidão prazerosa e terminei com uma mulher que se vê empurrada de forma violenta e até mesmo trágica para uma revolução íntima e política”.

É nesse arco que o livro explora o que as feministas dos anos 1960 já anunciavam: o pessoal é político. A narrativa de abertura, que conduz o leitor das margens do rio Araguaia às periferias de Brasília, é um exemplo contundente dessa costura entre violência histórica e desejo de liberdade. Outros contos mergulham em Brasília como personagem — “cidade construída sobre a terra vermelha do Cerrado, promessa de futuro erguida sobre camadas de memória e violência” — e na boca como símbolo do lugar da palavra e do desejo, onde diferentes heranças se tornam mestiças.

“Bocas Mestiças é um livro sobre corpos em disputa”, resume a autora. “Os contos abordam ancestralidade, raça, gênero, desejo, erotismo, afetos, espiritualidade, memória e território”. Ao lado de narrativas sobre colonialismo, mestiçagem e desigualdades sociais, o livro dedica atenção especial ao erotismo feminino e aos modos pelos quais mulheres e corpos dissidentes reivindicam autonomia sobre seus desejos. “O prazer aparece não como tema secundário, mas como força política, espiritual e transformadora”.

A escrita de Carolina Santos bebe de fontes diversas: Jorge Amado, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Mia Couto, Conceição Evaristo, Gloria Anzaldúa e María Lugones estão entre suas principais referências. “Aprendi com eles que território, linguagem, memória e corpo podem ser inseparáveis”. As epígrafes do livro — um



trecho de María Lugones sobre a mestiçagem e outro de Jorge Amado — já anunciam esse diálogo.

A obra também reflete a trajetória da autora, que entrelaça literatura e ativismo. Formada em Ciências Sociais pela UFG e mestre em Literatura Pós-Colonial e Estudos de Gênero pelas universidades de Bolonha e Granada, Carolina Santos atuou por anos na defesa dos direitos das mulheres “Sinto como se eu estivesse constantemente viajando entre-mundos”, diz sobre uma escrita atravessada pelo Cerrado, pela experiência da mestiçagem e pelo deslocamento entre diferentes geografias e linguagens.

Sobre a autora

Carolina Santos é escritora e socióloga goiana, radicada em Brasília. Mestre em Literatura Pós-Colonial e Estudos de Gênero pelas universidades de Bolonha e Granada, escreve sobre corpo, desejo, memória e ancestralidade. Sua ficção dialoga com os feminismos, a colonialidade e as paisagens do Cerrado brasileiro. É vencedora

de prêmios como o Agente Jovem de Cultura (2011), Expressões Culturais Afro-Brasileiras (2012) e o Tato Literário (2025), e foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura em 2014.

Sobre a orlando

A editora orlando, fundada pelos jornalistas Karol Lopes, Marcela Güther e Vincent Sesering (também sócios da agência de comunicação literária com.tato), nasceu para dar voz a escritores independentes com qualidade e profissionalismo. Com o lema “Histórias que desafiam o tempo”, oferece serviços completos de edição, revisão, design e divulgação, além de catálogos organizados em selos específicos: ziguezague (infantil), dobradura (poesia), espiral (ficção) e brecha (não ficção). Mais que publicar livros, aposta em estratégias de visibilidade para conectar autores e leitores. Saiba mais em editoraorlando.com.br e no Instagram @editoraorlando.

Adquira no site da editora orlando: <https://editoraorlando.com.br/produto/bocas-mesticas/>

LUCIANA PALHARES LANÇA AUTOFICÇÃO SOBRE INFÂNCIA, MEMÓRIA E AS HISTÓRIAS QUE CONTAMOS SOBRE NÓS MESMOS



Escritora luso-brasileira @florespalhares revisita episódios marcantes da primeira infância em uma obra fragmentada que investiga identidade, percepção e pertencimento

Quem somos quando retiramos as versões que construímos sobre nós mesmos? Em um tempo marcado pela exposição constante da vida privada nas redes sociais, a escritora, atriz, performer e terapeuta Luciana Palhares propõe um movimento inverso: voltar ao início. Em *Ficção que chamo de eu*, obra que integra a coleção de plaquetes 2026 da Tato Literário foi lançada durante a 24ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), a autora revisita episódios da infância para investigar as origens da identidade, as perdas de inocência e os processos de interpretação que moldam a vida adulta.

Luciana fez uma sessão de autógrafos no dia 23 de julho,

no estande da com.tato, localizado na Casa Escreva, Garota!, no Centro Histórico de Paraty.

A publicação reúne treze mini crônicas inspiradas em acontecimentos da primeira infância. Entre descobertas, assombros, incompreensões e pequenos traumas cotidianos, a autora constrói uma narrativa fragmentada que convida o leitor a ocupar os espaços deixados entre as lembranças. O resultado é uma obra que transita entre a crônica, o conto e a autoficção, transformando experiências particulares em reflexões universais sobre família, pertencimento e formação subjetiva.

A origem do projeto surgiu após a mudança da autora para fora do Brasil. Depois de concluir “37”, texto em que refletia sobre a própria trajetória até aquele momento da vida, Luciana sentiu a necessidade de aprofundar sua in-



vestigação autobiográfica.

“Quando deixei o Brasil escrevi ‘37’, refletindo sobre a vida que levei até aquele momento. Senti necessidade de seguir na minha arqueologia pessoal. Comecei a lembrar das histórias marcantes. Fui buscar lá no início e fui colecionando as mini crônicas-causos que integram essa plaquete”, conta.

Mais do que recuperar lembranças, a autora utiliza a memória como ferramenta de compreensão. Para ela, as histórias reunidas no livro dialogam diretamente com as relações familiares e com a forma como reinterpretamos nossa própria formação ao longo da vida.

“Se houvesse uma mensagem, seria: nossos pais fizeram o que sabiam. O resto é interpretação e perspectiva”, afirma.

Um ritual de reencontro com a criança interior

Ao longo da escrita, Luciana percebeu que o projeto ultrapassava os limites da literatura e assumia também um papel de elaboração emocional. O processo incluiu não apenas a escrita dos textos, mas a gravação em áudio das histórias, criando uma experiência de escuta de si mesma.

“Esse livro é uma espécie de ritual de honra à minha criança interior. Escrever, me ler, depois gravar os áudios e me ouvir contando as histórias fez com que algumas coisas se acomodassem dentro de

mim. Me reconheci. Encontrei algo parecido com paz”, revela.

A proposta dialoga com uma linha de investigação presente em toda a sua trajetória literária. Em seus livros anteriores, *Pequenas Verdades e Outras Histórias* e *Para Entender Uma História de Amor*, a autora já explorava as fronteiras entre verdade, percepção e ficção. Em *Ficção que chamo de eu*, essa pesquisa se aprofunda por meio da narrativa episódica e da autoficção.

“Cada episódio funciona sozinho, mas o encontro deles gera um significado outro. Descrevo uma situação, um mundo interior e deixo espaço para que o leitor complete a experiência. Aprecio essa forma fragmentada de criar um todo”, explica.

Entre a literatura, o teatro e a performance

Atriz, performer e escritora, Luciana leva para a literatura elementos de diferentes linguagens artísticas. Os textos de *Ficção que chamo de eu* carregam ritmo teatral, humor, ironia e recursos de montagem inspirados pelo cinema. Entre suas referências estão autores e artistas como Anaïs Nin, Nelson Rodrigues, Milan Kundera, Sophie Calle e Annie Ernaux, que transformaram experiências pessoais em matéria estética.

“Talvez sejam os meus textos mais teatrais. Há o ritmo das narrativas, o humor e a ironia dos sitcoms, a edição do cinema. Também existe algo da acidez do Nelson Rodrigues, da liberdade da Anaïs Nin, dos fragmentos de Kundera e da maneira como artistas como Sophie Calle e Annie Ernaux utilizam a própria vida como material criativo”, comenta.

Ao transformar lembranças em literatura, Luciana propõe uma reflexão sobre a fragilidade das certezas e a natureza mutável da memória. Afinal, toda autobiografia carrega

algo de invenção — e toda ficção, em alguma medida, também fala de quem a escreve.

Sobre a autora

Luciana Palhares é escritora luso-brasileira, nascida no Rio de Janeiro. Atriz, performer e terapeuta, atua com escrita terapêutica, tarot, constelação familiar e radiestesia. Sua produção literária investiga temas como memória, identidade, percepção e as fronteiras entre realidade e ficção.

É autora de *Pequenas Verdades e Outras Histórias* (2022) e *Para Entender Uma História de Amor* (2025). Em 2023, foi finalista do 3º Prêmio MicroConto de Ouro e, em 2024, passou a integrar a Coletânea de Cronistas Contemporâneos. Atualmente prepara o livro de contos *A Vida Não Sabe de Pontos Finais*.

Sobre a coleção de plaquetes do Tato Literário

Ficção que chamo de eu in-

tegra a coleção de plaquetes 2026 da Tato Literário, selo editorial da com.tato. Inspirada na cultura dos zines e no movimento Do It Yourself (*Faça Você Mesmo*), a coleção reúne quatro autoras selecionadas a partir da terceira edição do minicurso “Plaquetes: espaço para experimentação”, ministrado pela poeta e mediadora de leitura Thaís Campolina.

Pela primeira vez, as obras

publicadas compartilham um eixo temático comum: a memória. Embora transitem por diferentes gêneros e propostas estéticas, os títulos exploram lembranças, heranças afetivas, identidade e transformação a partir de perspectivas distintas.

Ficha técnica: Ficção que chamo de eu, Luciana Palhares - Autoficção / Crônicas Editora: Tato Literário (selo da com.tato) @comtatocomunicacao Ano: 2026

ANGELA CHAVES LANÇA NA FLIP LIVRO QUE TRANSFORMA MONUMENTOS DO RIO EM PROTAGONISTAS DE FANTASIA

Criadora da série *Pedaço de Mim*, da Netflix, e autora de novelas como *Éramos Seis* e *Os Dias Eram Assim*, escritora apresenta *Histórias de Ferro e Pedra*, coletânea que convida leitores a redescobrir a cidade pela imaginação.

Depois de uma trajetória dedicada à televisão, ao streaming e à literatura, a roteirista Angela Chaves @angelachaves66 leva sua imaginação às ruas do Rio de Janeiro. Durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) 2026, a escritora lançou *Histórias de Ferro e Pedra* (Editora Mondru @mondrueditora), coletânea de sete contos que transforma estátuas, chafarizes, praças e monumentos cariocas em protagonistas de narrativas fantásticas. O livro foi apresentado no dia 24 de julho, no Auditório Areal, durante a mesa “Grades, Praças, Gargalhadas, o indivíduo contra o mundo”, ao lado dos escritores Celso Ladhe e Murilo Veludo Ferreira.

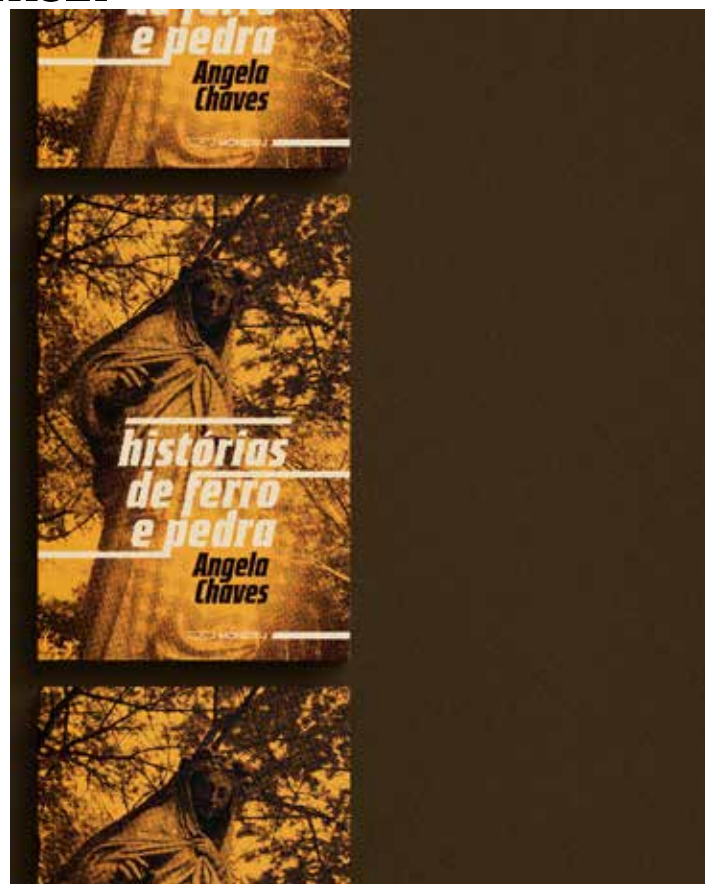
Mestra em Literatura Brasileira, Angela escreveu inúmeros programas para televisão e foi autora e colaboradora de séries e novelas como *Éramos Seis*, *Os Dias Eram Assim* e *Maysa – Quando Fala o Coração*. Mais recentemente, criou e escreveu a série *Pedaço de Mim*, da Netflix, e assina a adaptação do romance *Véspera*, de Carla Madeira, para a HBO Max. Ao longo da carreira, foi indicada ao Emmy por *Maysa*. Em 2025, recebeu o prêmio da APCA de Melhor Novela por *Pedaço de Mim* e também foi indicada ao Rose d’Or Latinos e ao Prêmio

ABRA de Roteiro pela mesma obra, que figurou entre as dez séries de língua não inglesa mais assistidas da Netflix no mundo.

Em *Histórias de Ferro e Pedra*, Angela parte de uma pergunta simples: e se os monumentos observassem a vida das pessoas? A partir dessa premissa, cria um universo em que esculturas, calçadas, fontes e estátuas escondem desejos, ressentimentos, lembranças e sonhos. Inspirados em monumentos e espaços públicos do Rio de Janeiro, os contos convidam o leitor a observar a cidade como um exercício da imaginação.

A ideia do livro nasceu de um episódio real envolvendo a estátua Inverno, instalada no Passeio Público do Rio de Janeiro. A escultura desapareceu por um período, reapareceu em outro local e depois voltou ao parque, despertando a curiosidade da autora. “Esse livro começou com o encanto pela estátua Inverno e sua história real, quando esteve desaparecida do Passeio Público e apareceu em outro lugar. Depois voltou ao Passeio Público. Isso motivou minha imaginação”, conta Angela. A partir desse primeiro impulso, desenvolvido durante um curso de leitura e escrita com Rona Hanning, surgiram os demais contos da coletânea.

Cada conto constrói um pequeno universo fantástico inspirado em um patrimônio real da cidade. A estátua Inverno, moldada em ferro e estanho, sonha com alguém capaz de



compreender sua solidão. A deusa Tétis, no Jardim Botânico, observa discretamente os amores humanos. Duas esculturas de leões disputam protagonismo no Largo dos Leões. Uma lagartixa aventureira desafia a imobilidade de Santa Genoveva. As pedras portuguesas de Vila Isabel transformam relações amorosas em partituras melancólicas. Personagens inusitados também habitam o Cemitério São João Batista e o Colégio Orsina da Fonseca.

Ao final de cada narrativa, notas históricas apresentam a origem, a localização e a história dos monumentos que

inspiraram a ficção, aproximando fantasia e realidade. Para a autora, a principal proposta da obra é provocar um novo olhar sobre aquilo que faz parte da rotina. “Com este livro, procura-se acordar contadores. Da próxima vez que passar por uma figura de ferro ou pedra, no Rio de Janeiro ou em qualquer lugar do planeta, o convite é olhar o mundo como exercício da imaginação.” A orelha da obra é assinada pela escritora Luíze Valente, que destaca o caráter poético, memorialístico e lúdico da coletânea.

Sobre a autora Angela Chaves nasceu no Rio de Janeiro, cresceu

na zona norte da cidade e atualmente divide seu tempo entre a zona sul carioca e o sertão do Nordeste. É formada em Letras, mestre em Literatura Brasileira (1993) e atuou como roteirista da Globo entre 1995 e 2021. Atualmente está à frente da produtora Palavra Chave, dedicada ao mercado audiovisual.

Tem cinco livros infantis e infantojuvenis publicados e escreveu séries, novelas e minisséries para a televisão. Entre seus trabalhos estão Éramos Seis, Os Dias Eram Assim e Maysa – Quando Fala o Coração. Criou e escreveu a série Pedaco de Mim, da Netflix, e assina a adaptação do romance Véspera, de Carla Madeira, para a HBO Max.

Foi indicada ao Emmy por Maysa – Quando Fala o Coração. Em 2025, recebeu o prêmio da APCA de Melhor Novela por Pedaco de Mim e também foi indicada ao Rose d'Or Latinos e ao Prêmio ABRA de Roteiro pela mesma obra, que figurou entre as dez séries de língua não inglesa mais assistidas da Netflix no mundo. Nas redes, é

@angelachaves66.

Ficha Técnica Histórias de Ferro e Pedra, Angela Chaves Editora: Mondru Gênero: Contos Pré-venda: com desconto especial (garantia do melhor preço nos seis primeiros meses) e kit com o livro. Os exemplares são impressos apenas após o fim da pré-venda. Acesse: <https://mondru.com/loja/>

NEIRA GALVÊZ TRANSFORMA ANSIEDADE DIGITAL, DESALENTO PÓS-PANDÊMICO E CRÍTICA SOCIAL EM POEMAS QUE DIALOGAM COM UMA GERAÇÃO SEM HORIZONTE

Publicado pela Kotter Editorial, o livro de estreia “Na espera áspera” aborda brain rot, precarização do trabalho e esgotamento emocional com ironia e deboche político

“Diante desse cenário, somente o escárnio e o registro oral desbocado, transmitido por meio de uma ótima noção estética, parecem dar conta. E é exatamente o que este conjunto faz” Trecho do texto orelha, assinada por João Lucas Dusi

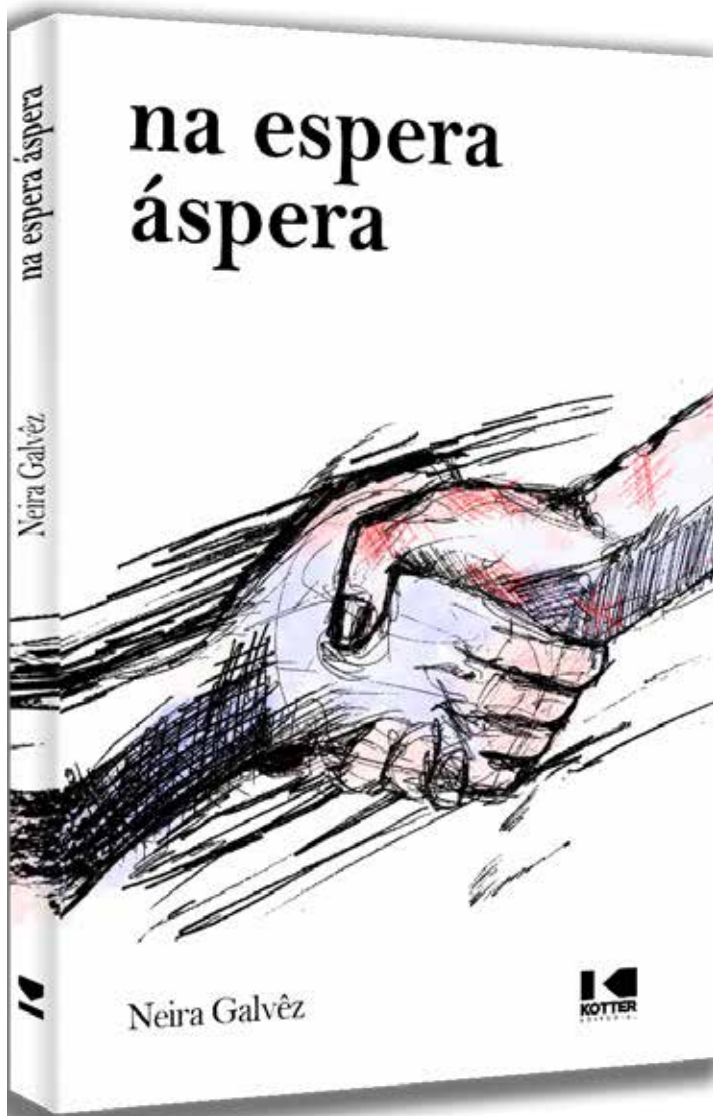


ocorre quando encaramos a verdade — “ou quem sabe o espelho”.

Chama atenção a forma como Neira Galvêz trabalha o tema do excesso de telas e de informação e o colapso da saúde mental como um sintoma: a alienação digital aparece em poemas como “brain rot” e “diário noturno para os sociólogos do futuro” e expõe como certos hábitos nas redes sociais mascaram a insônia e o medo do amanhã.

O diagnóstico traçado pelo autor é pessimista. “Me sinto como uma testemunha apática do final dos tempos, com a necessidade de comunicar isso”. Mas, apesar do niilismo, o livro não se encerra no desalento. Existe na obra a busca por um recomeço e por “gestos mínimos de resistência e afeto em ruínas”. Por isso, o autor brinca que seus poemas podem ser vistos como um pedido de socorro talvez inócuo para os humanos do futuro. “Apesar de todas as coisas terríveis que relato e diagnostico, considero que é preciso, de alguma forma, encontrar um meio de trabalhar nossa habilidade de ter e dar esperança”, diz.

Neira Galvêz compõe um livro de poemas como uma car-



“Na espera áspera”, poemário de estreia do poeta e músico Neira Galvêz (@neira.galvez), reflete sobre a contemporaneidade de forma mordaz ao abordar o cansaço crônico, as contradições políticas e as inquietações humanas alimentadas pelo capitalismo tardio. Publicada pela Kotter Editorial (@kotter_editorial) com paratextos assinados pelo escritor e editor João Lucas Dusi e quarta capa pela professora Vitória Bressan Marcilio, a obra explora a ironia, o cinismo e o deboche para defender a premissa de que existe um esvaziamento quase inevitável das utopias cotidianas.

A angústia existencial da nossa época é exposta a partir de temas como a uberização do trabalho, a mercantilização da fé e a herança histórica de um Brasil escravocrata, moralista e corrupto. Nesse sentido, a professora e especialista em língua portuguesa Vitória considera que a primeira antologia do poeta se concentra em temáticas que abordam o Brasil sob uma perspectiva franca, cuja identificação faz surgir aos leitores um constrangimento singular que só

ta aos arqueólogos do futuro

Neira Galvêz nasceu em 1994 em São Bernardo do Campo/SP. Poeta e compositor, publica suas experiências poéticas em sua página do Instagram desde 2017. Tem três álbuns lançados com sua banda, LAVOLTA, além de ter obras gravadas com proeminentes nomes da música underground brasileira como 1LUM3 e Vivian Kuczynski.

Testemunha da decadência de uma região que já foi

símbolo da industrialização do país, filho e neto de exilados políticos da ditadura de Pinochet, o autor transita entre o mundo corporativo e a criação artística, tensionando os limites entre a linguagem burocrática e a poesia. Sua escrita, de teor crítico e rebelde, ecoa as vozes de suas influências poéticas como Ferreira Gullar, Augusto de Campos, Alberto Pucheu e Claudia Riquette-Pinto, mesclando rigor formal com uma inquietação

política e existencial. Seus versos, muitas vezes cortantes, interrogam o presente sem perder de vista a memória — seja íntima ou coletiva.

Além da poesia dos autores já citados, Neira se considera muito influenciado pelo mundo da música e seus letristas. Para ele, Clemente Nascimento, Arnaldo Antunes, Renato Russo e Marcelo Nova são excelentes expoentes do bom e velho rock'n'roll brasileiro. Além deles, ele faz questão de ressaltar aos rappers Mano Brown, Rappin Hood, Mv Bill e BNegão, e sobretudo, Marcelo Yuka, como suas referências.

Enquanto preparava o projeto, o autor percebeu que ele queria que seus poemas soassem como uma carta aos

arqueólogos do futuro a respeito do fim de uma época. O tom que ele buscou dar para a obra é de um desabafo debochado e pessimista pós-pandêmico, mas sem perder de vista a necessidade de tentar encontrar uma nova perspectiva.

Sua experiência como músico e compositor tornou o processo de escrita do livro um pouco mais fácil: “Ter criado dezenas de músicas nos últimos anos, me ajudou a exercitar o trabalho com as palavras, sobretudo na hora de editar, apagar, sacrificar, frases, em prol do espaço e métrica, sem perder o objetivo e sentido”, completa.

Futuros projetos

O autor está trabalhando

em um álbum solo conceitual, que pretende chamar de “Língua morta”, por tratar a indignação como uma espécie de língua em extinção nos nossos tempos. Além disso, ele confessa estar tentando praticar um pouco de prosa.

Leia o poema “na espera áspera do que está adiante”, de Neira Galvêz:

antigamente o futuro era brilhante

agora tudo é nostalgia serial como um velório da esperança diletante

ou quarta-feira ao final de carnaval

eu sinto um cansaço que paira no ar

uma apatia geral da plateia humana

quase torcendo para o mundo se

acabar, ou talvez seja eu perdendo a pouca gana...

talvez seja eu sem uma fé praticante

talvez seja eu sem convicções políticas

talvez seja eu, homem deste tempo e instante,

sob sintomas que a ciência não explica.

o que sei é deste amargo que ainda fica

na espera áspera do que está adiante

FICHA TÉCNICA: Na espera áspera, Neira Galvêz Rede social do autor: https://www.instagram.com/neira_galvez 88 págs Poesia Editora Kotter Ano: 2026

Adquirir: <https://kotter.com.br/loja/literatura/poesia/na-espera-aspera/>

POETA FLUMINENSE TRANSFORMA INFÂNCIA EM MATÉRIA VIVA EM NOVO LIVRO DE POEMAS

Em pré-venda pela editora Xará, livro traça temas como família, amadurecimento e experiências infantis. O livro pode ser retirado no lançamento ou pelos correios.

Fundadora da Editora Xará ([@editoraxara](https://www.editoraxara.com.br)), a poeta fluminense Letícia Fernandes Leal ([@leticiafernandesleal](https://www.instagram.com/leticiafernandesleal)) lança, pelo selo, um livro de autoria própria. *Filtro de barro* é a sua terceira publicação, seguindo *Sólido* (Kazuá, 2020), *Burnoutinho* (Ed. Minimalismos, 2023) e *A Sombra sem Corpo* (Autopublicação, 2024).

Filtro de barro, como o próprio título sugere, resgata memórias de infância da autora, que as trata — nas palavras de Thereza Christina Rocque da Motta (1957-2026), que assina o posfácio — como “uma parte viva de sua narrativa poética”.

São poemas que evocam desde memórias de verão (como no poema “Tarde de Sol Limites”) até temáticas mais pesadas, como o luto (caso do poema “Novembro”). A coletânea reúne 47 poemas que nos aproximam do eu-lírico, entendendo quem ele é e sua visão das coisas.

Vale lembrar que esta

obra não trata a infância de forma estereotipada ou como se a criança ocupasse um lugar “menor” no discurso. A subjetividade do eu-lírico de *Filtro de barro* é, a todo tempo, exibida, num movimento em que constantemente se reconstrói.

A obra contém, ao final, uma “Nota biográfica da autora”, que foge às minibiografias padrão que encontramos em orelhas ou quarta-capas de livros. No texto, Letícia dedica-se a contar a sua jornada — e, principalmente, os perrengues que vive como escritora, algo que já assume no início da Nota, quando diz “quando eu inventei de ser escritora, ninguém avisou que as mãos ressecariam e



os dedos dariam calos”.

Por fim, trata-se de um livro tranquilo de se ler, que lança uma nova perspectiva sobre a poesia de Letícia Fernandes Leal, cujas obras anteriores debruçam-se à temas mais próprios da adultez, como o burnout, os tempos líquidos que vivemos e a síndrome do impostor.

Sobre a autora

Letícia Fernandes Leal nasceu em 1994, em São Gonçalo - RJ. Aos oito anos, inventou de ser escritora e nunca mais mudou de ideia. Estudou Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como professora e gestora escolar em escolas e cursos pré-vestibulares. Em 2020, publicou seu primeiro livro: *Sólido* (poesia, Editora Kazuá). Além disso, participou de antologias com textos em prosa e em verso. Atualmente, cursa o Mestrado em Estudos Comparados: Literatura e Outras Artes na Universidade Aberta de Portugal e a Pós-graduação em Escrita Criativa, Roteiro e Multiplataformas na Faculdade Noveste. Letícia entende o desenho da jibóia que engoliu um elefante, ministra oficinas de escrita criativa e fala sobre Literatura em suas redes sociais.

Adquirir *Filtro de barro* na pré-venda: https://www.canva.com/design/DAHPfS4Gv-8c/0vkbMAe9F4MbhzJGu1vixA/view?utm_content=DAHPfS4Gv-8c&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=uniquelinks&utm_id=h41adac8d0d

“HELENA CATARINA, NÃO FAZ COCÔ E TEM DOR DE BARRIGA” MISTURA TERROR, LUTO E CRÍTICA À DITADURA EM NARRATIVA ESCATOLÓGICA E PROFUNDAMENTE HUMANA

Romance de estreia no terror do jornalista Lucas Limão aborda herança militar, violência política e a dificuldade de se livrar do que nos foi imposto

Com um título que já provoca estranhamento e curiosidade, *Helena Catarina, não faz cocô e tem dor de barriga* chega à 24ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) como uma das apostas mais ousadas da editora orlando (@editoraorlando) para 2026. O romance de Lucas Limão (@lucas_limao00) — que o autor define como “escatológico, comovente e profundamente humano” — acompanha a jornada de Helena Catarina, filha de um militar de alta patente, que ao se mudar para uma casa próxima ao hospital onde o pai agoniza, descobre que o imóvel é assombrado por espíritos perversos. O castigo deles, no entanto, não é matá-la, mas algo muito mais cruel: impedi-la de fazer cocô.

Lucas Limão fez uma sessão de autógrafos no dia 25 de julho, no espaço da editora orlando na Casa Ópera, no Centro Histórico de Paraty.

O que começa como uma tortura intestinal se transforma em uma investigação sobre o passado do pai e os porões mais sombrios da ditadura militar. À medida que os dias passam e a constipação se torna uma tortura insuportável, Helena busca ajuda em uma pombagira. O que começa como uma luta contra os fantasmas da casa logo se transforma em uma investigação sobre o passado do pai. As responsabilidades que ele tentou transmitir à filha e aqueles seres que a atormentam têm uma origem comum. E ela está enterrada nos porões mais sombrios da ditadura militar.

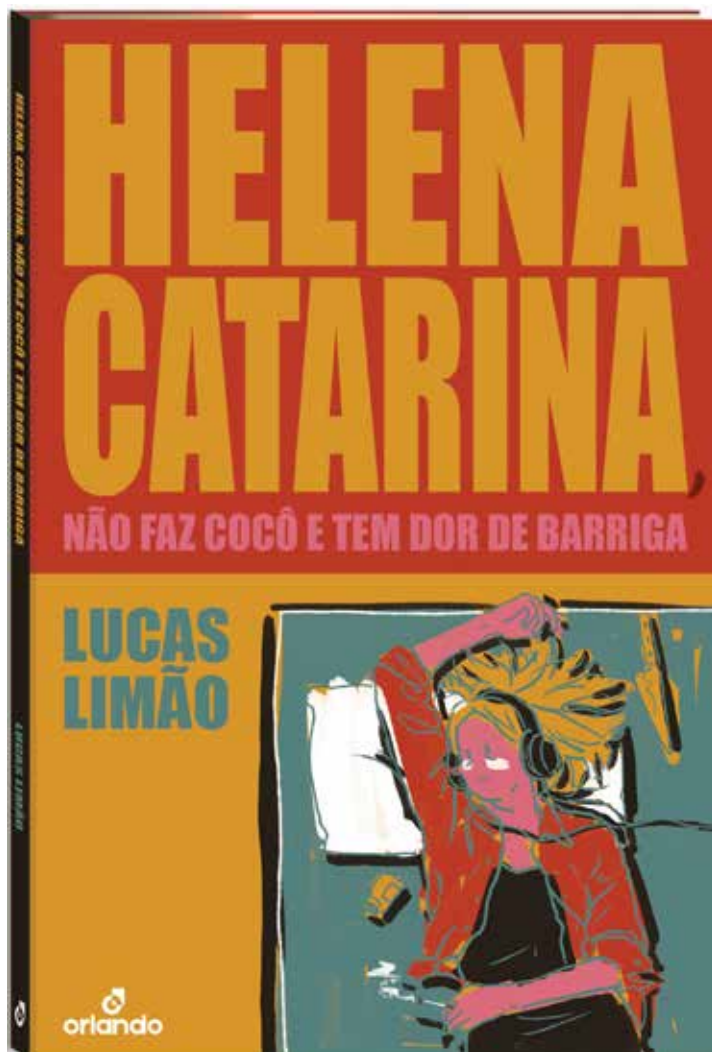
Escrito ao longo de dois anos, o livro nasceu do primeiro processo de luto vivido por Limão na vida adulta — a morte do avô. O autor



explica a metáfora que estrutura toda a narrativa: “A dor de estar perdendo um ente querido em uma cama de hospital, vê-lo definhando, é tão solitário quanto um infindável prisão de ventre, as pessoas até entendem o que você está passando, e podem até estar ao seu lado, mas isso não faz você se sentir menos só.” A escatologia, para ele, não é gratuita: é a tradução visceral da desumanização vivida por quem acompanha um familiar em estado terminal.

A obra transita entre o terror sobrenatural e o horror real da história brasileira. Ao investigar a casa assombrada, Helena descobre que, durante a ditadura de 64, ali ocorreu um massacre em um terreiro de candomblé — e que seu próprio pai, o Major Tenente Coronel Afonso Catarina, foi o líder da operação. A trama expõe as engrenagens de uma organização golpista dentro das Forças Armadas, os Amarelistas, e coloca a protagonista diante de um dilema cruel: como amar alguém que cometeu atrocidades? “Odiar não te proíbe de amar. E amar não te proíbe de odiar”, diz a pombagira que orienta Helena. “Você deve aceitar isso. E deve aceitar que não importa o certo e nem o errado quando se trata de amor e ódio.”

O livro também é uma re-



flexão sobre herança e culpa. Criada dentro dos rigores da caserna, Helena carrega no sangue um passado que não escolheu e que a transformou em algo que ela mesma tem dificuldade de reconhecer. Em uma das cenas mais impactantes, ela confessa aos amigos ter cometido um crime, sob a orientação do pai. “Fico pensando o que teria acontecido se ele tivesse me pedido para não fazer aquilo, o que teria acontecido com a minha vida.”

A religiosidade de matriz africana e indígena ocupa um lugar central na narrativa. Helena encontra acolhimento e respostas em uma casa de timbanda, onde uma pombagira a ajuda a expelir não apenas o que seu intestino retém, mas também o peso de uma herança feita

de violência. O autor, que se identifica como umbandista, afirma que a obra “traz elementos das religiões de matriz africana e indígena brasileira, e coloca Helena para confrontar os paradigmas militares com os destas religiões”. A música também é personagem: canções de Gal Costa, Rita Lee, Belchior, Ave Sangria e Tião Carvalho pontuam a trama e ajudam a construir o estado emocional da protagonista.

“Por trás desse título que é, no mínimo, ‘peculiar’, há uma história que é, sim, em partes engraçada, mas também comovente, sobre esses sentimentos conflituosos nas relações humanas”, escreve Ramon Guilherme Gomes no prefácio. “Lucas tem esse dom de observar e encontrar beleza tanto no banal do co-

tidiano quanto no fantástico. Além disso, ele possui uma das habilidades que mais anseio: a de ressignificar sentimentos em momentos difíceis para criar algo belo.”

Com uma protagonista complexa, o romance se dirige a leitores entre 25 e 35 anos, mas sua potência ultrapassa qualquer recorte etário. É uma história sobre o que herdamos, o que escolhemos carregar e o que, finalmente, conseguimos expelir.

Sobre o autor Lucas Limão nasceu em São Paulo, capital, e aos 27 anos acumula uma trajetória tão diversa quanto sua escrita. Já foi motorista de uma oficina de tratores, repórter televisivo de um programa sobre a vida no campo, jornalista de economia e assistente de reportagem em um blog de economia. Aos 19 anos publicou seu primeiro livro, infantil, e atualmente trabalha como assessor de imprensa e repórter. Formado em comunicação visual pela Etec Tiquatira, ele se define como alguém que “gosta

de dar corda para os doidinhos que vêm puxar papo na rua”, hábito que alimenta sua observação do mundo e sua escrita. Não é cristão, mas seu personagem bíblico preferido é Jonas, “pois ele morou dentro de uma baleia”.

Sobre a orlando A editora orlando, fundada pelos jornalistas Karol Lopes, Marcela Güther e Vincent Sесering (também sócios da agência de comunicação literária com. tato), nasceu para dar voz a escritores independentes com qualidade e profissionalismo. Com o lema “His-

tórias que desafiam o tempo”, oferece serviços completos de edição, revisão, design e divulgação, além de catálogos organizados em selos específicos: ziguezague (infantil), dobradura (poesia), espiral (ficção) e brecha (não ficção). Mais que publicar livros, aposta em estratégias de visibilidade para conectar autores e leitores. Saiba mais em editoraorlando.com.br e no Instagram @editoraorlando.

SERVIÇO: Editora orlando Gênero: Terror / Romance Páginas: 96

DIRETOR E ATOR MARCELO LAZZARATTO PUBLICA TEATRO EM TRÊS PERNAS, SEU PRIMEIRO LIVRO DE POESIA

Quarenta anos de teatro condensados em quarenta breves poemas. Lançamento acontece dia 15 de agosto, às 17h, na Livraria Patuscada

Depois de quarenta anos dedicados ao teatro como ator, diretor, dramaturgo, pesquisador e professor, Marcelo Lazzaratto (@lazzaratto) publica seu primeiro livro de poesia. Lançado pela Editora Patuá (@editorapatua), “Teatro em Três Pernas” reúne quarenta poemas breves, organizados em cinco atos, que condensam uma trajetória construída entre palcos, bastidores, ensaios, processos de criação e pesquisa artística.

Fundador e diretor artístico da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico e criador do sistema improvisacional Campo de Visão, Lazzaratto transporta para a poesia um olhar amadurecido ao longo de décadas de convivência com a cena. Palco, coxia, camarim, maquinaria, luz, silêncio e espera deixam de ser apenas elementos do fazer teatral para se transformarem em matéria poética.

Os poemas dialogam com a tradição do haicai pela síntese, pela atenção ao instante e pela potência da imagem. Sem abandonar sua identidade como homem de teatro, o autor encontra na palavra um novo espaço para investigar presença, tempo, escuta e percepção.

“Teatro em Três Pernas” nasce da travessia entre duas formas de criação. Ao condensar quarenta anos de experiência teatral em quarenta poemas, Marcelo Lazzaratto amplia sua pesquisa artística e a desloca para o território da literatura, preservando na palavra a atenção, a escuta e a presença que

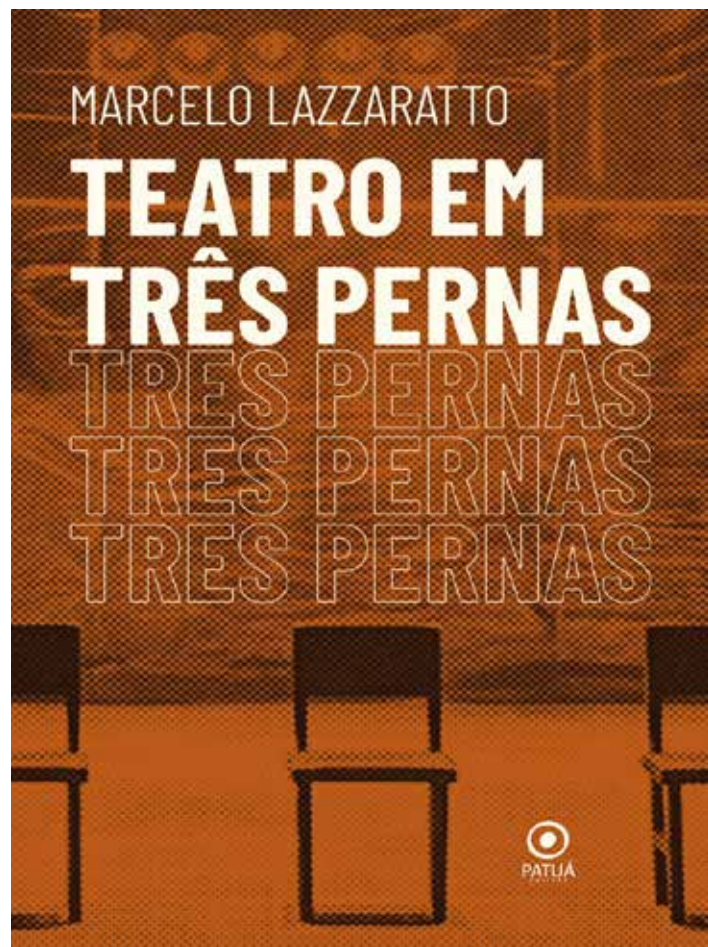


sempre marcaram seu percurso.

O livro conta com a apresentação de Wellington Andrade, editor da Revista Cult e crítico teatral, que estaria presente para um bate-papo com o autor, no dia do lançamento:

“A respeito de reduzir o contar

Em “Teatro em Três Pernas”, Marcelo Lazzaratto dá vazão à intensa paixão que sente pela arte de Dioniso através de um modo de expressão estudadamente espartano. Como se o cortejo báquico do qual fizesse parte tivesse saído ruidosamente do monte Citerão para chegar, somente com ele como integrante, sem alarde algum, à Lacônia. Condensando o rico e complexo mundo do teatro em algumas – ora poéticas, ora bem-humoradas – imagens-síntese, o autor mostra que é possível falar à beça, mesmo num samba curto. Em tempos como os atuais, nos quais não se pratica, não se conhece e não se admite o silêncio, cada tríade de versos grafados aqui corteja o mais difícil estado de eloquência a que se consegue chegar: o da palavra que germina, nasce, expande-se e volta a mergulhar na quietude essencial de onde saiu. Da mesma forma como



ocorre com o próprio universo da cena, em que som e fúria se convertem, diariamente após cada espetáculo, em remanso e introspecção.” Wellington Andrade.

Sobre o autor Marcelo Lazzaratto é ator, diretor, dramaturgo, pesquisador e professor Livre-Docente do Instituto de Artes da Unicamp. Fundador e diretor artístico da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, criou o sistema improvisacional Campo de Visão, referência na pesquisa sobre coralidade, alteridade e presença cênica. Ao longo de quarenta anos de carreira dirigiu e atuou em espetáculos

como O Jardim das Cerejeiras, Ricardo III, A Grande Magia, Tebas, Ifigênia e O Outro Borges. É autor dos livros Campo de Visão: Exercício e Linguagem Cênica, Campo de Visão: um Exercício de Alteridade e Arqueologia de um Ator. Teatro em Três Pernas é seu primeiro livro de poesia

SERVIÇO: Teatro em Três Pernas, Marcelo Lazzaratto, Editora: Patuá, Gênero: Poesia, Pré-venda: disponível no site da Editora Patuá.

<https://www.editorapatua.com.br/teatro-em-tres-pernas-poemas-de-marcelo-lazzaratto/p>

ABECEDÁRIO DE FRUTAS: POESIA MINIMALISTA QUE ALFABETIZA COM SABOR BRASILEIRO

Lançamento do selo Saberes e letras, a obra vai além do entretenimento: é uma ferramenta pedagógica poderosa para o desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento.

“Abecedário de frutas – Aldravias” é uma obra inovadora que une alfabeto, frutas brasileiras e poesia minimalista em um só livro. A publicação é composta por aldravias – forma poética criada pelos autores, caracterizada por seis versos univoculares que desafiam a criatividade e despertam a curiosidade dos pequenos leitores. Com ilustrações vibrantes e lúdicas, cada página transforma uma fruta em personagem, como o Abacaxi Rei e a Banana Trapezista, criando um universo encantador que convida as crianças a brincar com as letras e os sabores do Brasil.

A obra vai além do entretenimento: é uma ferramenta pedagógica poderosa para o desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento. Indicado para o Ensino Fundamental I, com ênfase nas áreas de Linguagens e Ciências da Natureza, o livro dialoga com temas transversais como Meio Ambiente e Pluralidade Cultural. A proposta explora o abecedário e as frutas produzidas no Brasil como pano de fundo para atividades em sala de aula, estimulando a leitura mediada/compartilhada e despertando o interesse de leitores iniciantes na faixa etária de 6 a 7 anos.

A relevância da aldravia como recurso educacional já é amplamente reconhecida no meio acadêmico. Segundo os autores, essa forma poética inspirou mais de dez dissertações de mestrado em universidades brasileiras nas áreas de Educação, Linguística e Literatura. Diversas professoras poetas alfabetizadoras desenvolveram projetos baseados na aldravia, alguns dos quais foram premiados pelo MEC/MINC e UNICEF. Uma dessas iniciativas se destaca por promover a alfabetização bilíngue Português/Terena na cidade de Anastácio, Mato Grosso do Sul, levando a poesia à comunidade indígena e valorizando a diversidade linguística nacional.

O reconhecimento da aldravia ultrapassou fronteiras: Academias de Letras da França, Portugal, Es-

panha e Chile já consagraram a forma poética, atestando sua qualidade estética e seu potencial literário. Ao publicar “Abecedário de frutas – Aldravias”, o Selo Saberes e Letras reforça seu compromisso com a literatura infantojuvenil de qualidade, que alia criação artística, inovação pedagógica e valorização da cultura brasileira. O livro é um convite para que educadores, mediadores de leitura e famílias redescubram o prazer das palavras – uma fruta, uma letra, uma poesia de cada vez.

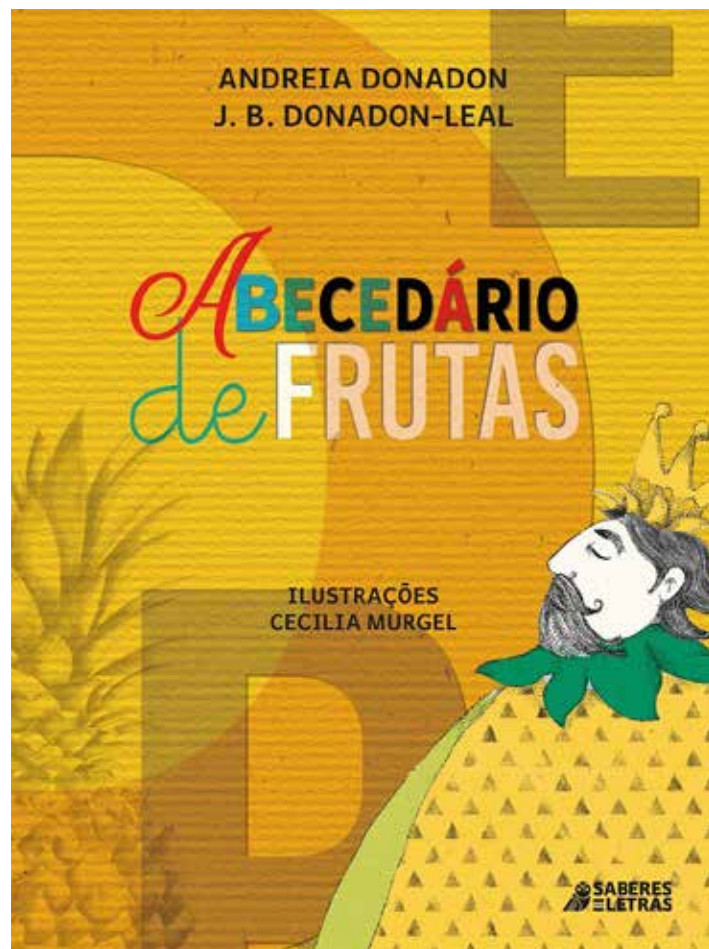
Com projeto gráfico colorido e atraente, a obra é indicada para leitura mediada/compartilhada em sala de aula e também para o acervo de bibliotecas escolares. Uma publicação que semeia letras, colhe leitores e celebra a riqueza das frutas e da poesia brasileira.

Quem são os autores?

Andreia Donadon Leal nasceu em 17 de setembro de 1973, em Itabira – MG. Mora em Mariana desde 2002. Escritora e artista plástica do Movimento Aldravista. Formada em Letras pela UFOP, especialista em Artes Visuais, mestra em Literatura pela UFV e doutora em Educação pela UNI-MX. Membro da Academia Marianense de Letras e da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas. Recebeu o Troféu Rio (UBE-RJ-2016), o Prêmio Nacional de Literatura de Manaus e o título de Personalidade do Livro pela Câmara Mineira do Livro. É autora de livros de crônicas, contos e romance.

Quem é a ilustradora?

Cecília Murgel (@ceciliamurgel-drawings) nasceu em São Paulo. É arquiteta e urbanista formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Entre 1984 e 2010 atuou na área de arquitetura e urbanismo. A partir de 2010 dedica-se à ilustração e ao design, atividades que exercia de forma não profissional até então. Entre outubro de 2010 e dezembro de 2015 atuou como design e ilustradora para uma Papelaria na criação e no desenvolvimento de produtos voltados principalmente ao público infantil e



infanto-juvenil. Tomou gosto pela coisa e já ilustrou dezenas de livros infantis.

Sobre o Saberes e Letras: Criado em 27 de julho de 2020 e lançado oficialmente no dia 15 de junho de 2021, o selo editorial Saberes e Letras tem como foco o lançamento de obras ligadas à cultura, à educação e ao entretenimento em geral, sempre buscando conteúdo de qualidade que promova o crescimento intelectual de seu público. Seu ícone é uma coruja, símbolo do conhecimento, e a marca faz parte do grupo Paulinas Editora, empresa com 94 anos de presença no Brasil e 111 anos no mundo.

Serviço: Abecedário de frutas – Aldravias / Selo Saberes e Letras / Indicação: Leitor iniciante (6-7 anos) – leitura mediada/compartilhada / Áreas de conhecimento: Ensino Fundamental I – Linguagens, Ciências da Natureza / Temas transversais: Meio Ambiente; Pluralidade Cultural / O livro já está disponível nas Paulinas Livrarias, no site paulinas.com.br, no 0800 70 100 81 ou pelo WhatsApp (11) 96585-1710.

LEIA!

SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.

SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix:
laczine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com

POESIA PARA LER E OUVIR: ARQUITETO E MÚSICO TOM MADERA LANÇA NA FLIP 2026 LIVRO QUE UNE POEMAS E TRILHA SONORA

Sons da Poesia apresenta o conceito inédito de Poetic Soundbook, reunindo poesia, música e artes visuais em uma experiência sensorial; lançamento aconteceu dia em 23 de julho

A poesia nasceu da voz antes de ocupar as páginas dos livros. É justamente desse reencontro entre palavra e música que surge *Sons da Poesia* (Quiçá Books), livro de estreia do arquiteto, músico e poeta Tom Madera (@tom_madera), lançado durante a Flip 2026, em Paraty (RJ). A obra apresenta ao público o conceito inédito Poetic Soundbook, uma proposta que reúne poesia, música e artes visuais em uma experiência sensorial, permitindo que cada poema seja lido, ouvido e vivenciado como parte de uma única criação artística. A sessão de autógrafos aconteceu no dia 23 de julho, no estande da com.tato, na Casa Escreva, Garota!.

Escrito em apenas 90 dias, mas construído a partir de emoções amadurecidas ao longo de toda uma vida, *Sons da Poesia* nasceu durante um profundo processo de transformação pessoal vivido pelo autor. “A obra nasceu durante um processo de transformação pessoal, após uma crise de ansiedade que me levou a rever prioridades. Redescobri a poesia como caminho de autoconhecimento”, conta Tom Madera, nome artístico que adotou inspirado em sua trajetória musical.

A coletânea reúne poemas que transitam entre crônicas, reflexões e versos, organizados em seis capítulos dedicados a temas como amor, família, espiritualidade, tempo, perdas, esperança, superação e autoconhecimento. A proposta amplia os limites da leitura tradicional ao integrar recursos digitais que conduzem o leitor da palavra escrita à dimensão sonora de cada poema.

“O leitor deixa de ser apenas leitor. Torna-se ouvin-

te, viajante, intérprete. Cada acesso é único. Cada escuta é pessoal”, afirma o manifesto que apresenta a obra. Mais do que um livro de poesia, *Sons da Poesia* convida o público a desacelerar e perceber a vida nos detalhes, nos vínculos familiares, na simplicidade do cotidiano, na força da natureza e nas experiências que moldam a existência.

Da arquitetura e da música para a literatura: conheça Tom Madera

Natural do bairro do Tucuruvi, na Zona Norte de São Paulo, Tom Madera é arquiteto e urbanista formado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, com pós-graduação em Administração de Empresas. Durante décadas conciliou a arquitetura e a gestão dos negócios da família, até decidir, em 2024, aos 55 anos, transformar sua produção literária em um projeto de vida.

“*Sons da Poesia* representa um reencontro comigo mesmo. Mais do que realizar o sonho de publicar um livro, encontrei um novo propósito de vida: compartilhar experiências, emoções e esperança por meio da arte”, afirma.

A relação entre música e literatura acompanha o autor desde a adolescência. Aos 15 anos começou a compor canções e, naturalmente, a escrita poética tornou-se uma extensão desse processo criativo. Sua produção é marcada por um lirismo contemporâneo, intimista e humano, com versos livres, linguagem acessível e forte musicalidade. Entre suas principais influências estão Manuel Bandeira, Jorge Amado, Vinícius de Moraes, Elomar Figueira Mello, Renato Russo, Toquinho, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré. “Cada um deles contribuiu para formar minha sensibilidade artística”, destaca.

Além da literatura, Tom Madera é instrumentista, compositor e líder da Little Uncle Band. Já trabalha no segundo volume de *Sons da Poesia*, previsto para 2027,



mantendo o propósito que motivou seu livro de estreia. “Desejo lembrar às pessoas que elas têm valor, propósito e capacidade de recomeçar. A poesia pode despertar esperança, fortalecer o autoconhecimento e mostrar que nossas fragilidades também são fonte de crescimento.”

Ficha técnica: *Sons da Poesia*, Tom Madera (Hélio Ribeiro Adriano), Editora: Quiçá Books, Poesia / Poetic Soundbook, 85 págs

LEIA!

SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.

SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix:
laczine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com

O MUNDO POÉTICO DE BEYOND THE CLOUDS

Uma odisséia onírica, entre os filmes do Studio Ghibli e o universo de Final Fantasy!

Com mais de 30 anos de atividades e cerca de 480 títulos publicados, a Editora Estação Liberdade embarca em novas aventuras e descobertas. *Beyond the Clouds: a garotinha que caiu do céu* é o primeiro mangá a fazer parte do catálogo da editora.

A série com cinco volumes da mangaká japonesa Nicke já conta com mais de 73 mil cópias vendidas. O mangá tem feito considerável sucesso, sendo traduzido para Japão, Estados Unidos, Espanha, países da América Latina, Alemanha, Itália, Turquia e Ucrânia, reforçando ainda mais sua importância.

O universo, que mistura fantasia com steampunk é retratado de forma graciosa e detalhada por meio das ilustrações pintadas à mão pela artista.

Na Cidade Amarela, a fumaça das usinas cria uma densa nuvem de poluição que encobre permanentemente o sol e as estrelas. Nela, o jovem Theo sonhava encontrar as criaturas fantásticas ilustradas em seus livros favoritos. Entretanto, nunca teve a chance de explorar mundo afora. Sua realidade é a rotina de trabalho na oficina mecânica Chikuwa.

Mas a vida de Theo muda repentinamente no dia em que conhece uma garotinha diferente de todas as outras: uma humana alada, do tipo que só existe em lendas! Ao cair do céu, ela perde a memória e uma de suas asas... Mas Theo fará de tudo para desvendar a história dessa sobrevivente misteriosa!

Numa estética aparentada aos filmes do Studio Ghibli, o mundo poético de *Beyond the Clouds* nos leva a uma jornada repleta de seres extraordinários. *Beyond the Clouds: a garotinha que caiu do céu* é uma série de cinco volumes. Toda a série leva esse mesmo nome.

O mangá e suas ilustrações

O mundo de *Beyond the Clouds* carrega grandes influências dos filmes do Studio Ghibli e dos cenários fantásticos da aclamada franquia de RPG Final

Fantasy. Já a estética steampunk da obra tem origem em uma inspiração muito pessoal: o pai da autora, que trabalhava como artista e designer industrial. A relação entre Theo e Mia também nasceu de experiências próximas à artista, inspiradas na convivência com seus irmãos mais novos.

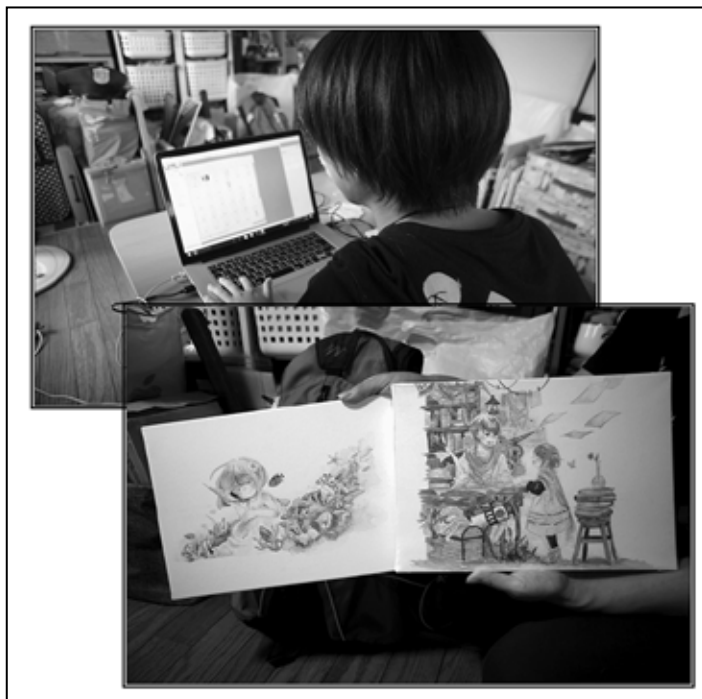
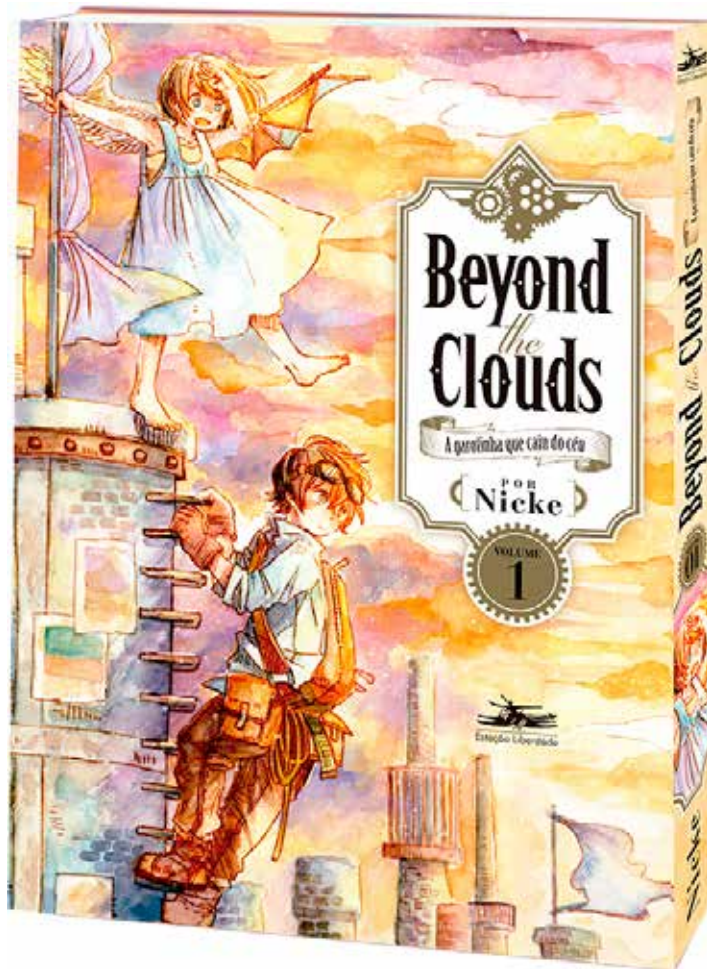
O primeiro volume do mangá reserva ainda algumas descobertas e histórias de bastidores para os leitores. Nas páginas finais, Nicke apresenta os personagens por meio de esboços preliminares, seus rascunhos desenhados à mão apresentando o processo de criação de cada um deles. Além disso, o volume traz uma entrevista exclusiva com a mangaká, que revela mais sobre a construção desse mundo, o desenvolvimento dos personagens e as inspirações por trás da obra.

A mangaká

Nicke cresceu rodeada por artistas profissionais, como seu pai, designer industrial, e seu tio, ilustrador. Quando criança, fascinou-se por mangás shōjo, de público-alvo feminino, antes de ser convertida aos mangás shōnen, voltados a meninos, por seus dois irmãos mais velhos. Apesar da sua paixão por desenho, escolheu um caminho diferente na universidade: foi estudar folclore e tradições japonesas! Continuou, no entanto, a preencher páginas com esboços, enriquecendo seus mundos com seu conhecimento de mitos e lendas. Após se formar, aventurou-se no mundo dos fanzines e começou a publicar capítulos de *Beyond the Clouds*. Seu amor pela ilustração se sobrepôs ao resto e, dois anos após sair da universidade, matriculou-se em aulas noturnas de design enquanto trabalhava em uma loja de artigos de arte. Mangá, ilustração, design de produtos... Nicke agora é uma verdadeira faz-tudo talentosa!

Pontos fortes

- Uma fonte de estímulo à imaginação e à criatividade, marcando uma formação de novos leitores;



- Um universo steampunk retratado com um estilo gracioso e minucioso, enriquecido por belíssimas ilustrações coloridas pintadas à mão;
- Para celebrar o lançamento da edição francesa, a obra ganhou um trailer em anime produzido pelo renomado estúdio japonês Gonzo;
- O sucesso do mangá foi imediato: apenas dois meses após o lançamento do primeiro volume,

a série já havia entrado em reimpressão, alcançando a 17ª posição entre os novos títulos publicados em 2018 e ultrapassando a marca de 73 mil exemplares vendidos.

SERVIÇO: *Beyond the clouds: a garotinha que caiu do céu* - Volume 1 AUTORA: Nicke TRADUÇÃO: Eliana Takara_ 212 páginas | com ilustrações coloridas PREÇO: R\$ 64,90 Lançamento: agosto 2026

THAÍS CAMPOLINA LANÇA “ENXAME” NA FLIP 2026: UMA POÉTICA DA ANIMALIDADE E DO CORPO COMO ECOSSISTEMA

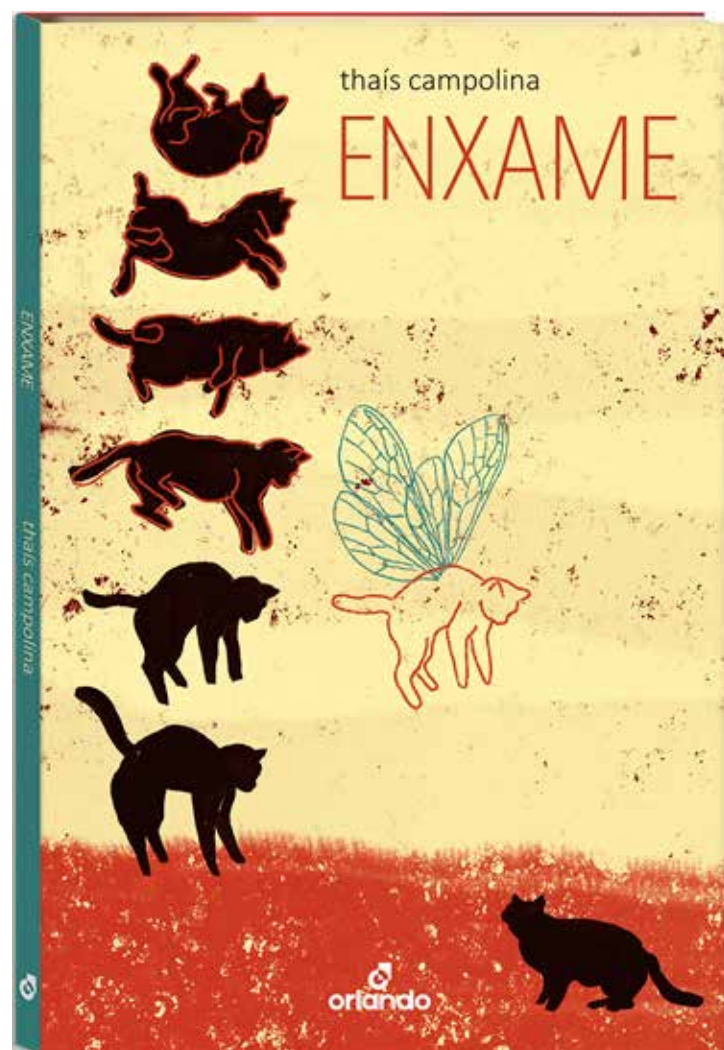


Nova obra da poeta mineira investiga a selva doméstica e a memória celular em versos que transitam entre a colmeia, a onça e o bando

A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) 2026 foi palco do lançamento de “enxame”, novo livro de poesia de Thaís Campolina (editora orlando). Na obra, a autora de “eu investigo qualquer coisa sem registro” e “estado febril” constrói uma poética na qual o espaço doméstico e o instinto selvagem se fundem com naturalidade, transformando a casa e o próprio corpo em ecossistemas vivos e pulsantes. O blurb é assinado pela escritora Dia Bárbara Nobre, o texto de orelha pela também escritora Bárbara Mançanares e o posfácio é de Maria Emanuelle Osório Prates, escritora, educadora popular, ativista ambiental, etnoecóloga e doutoranda em Biodiversidade e Uso dos Recursos Naturais.

Com uma linguagem precisa e madura, Thaís utiliza metáforas zoológicas e anatômicas para mapear inquietações. O livro é dividido em seções que evocam diferentes agrupamentos animais — “A Colmeia”, “A Onça”, “O Bando”, “Rotas Migratórias” e “O Zumbido” — e cada uma delas investiga, à sua maneira, a intrincada relação entre o humano e o bicho. “Um fóssil não é uma ossada, é uma cicatriz preservada do movimento de um corpo caindo”, escreve a poeta, definindo o tom de uma obra que se debruça sobre vestígios, memórias e transformações.

A poeta Ana Estaregui, no poema que abre o volume, define o gesto central do livro: “um poema não termina / até que encontre no ouvido / de quem lê / o outro que o habita / duas vozes / à procura do enxame”. É essa busca por uma voz múltipla, que se desdobra em enxame, que guia os versos de Thaís Campolina. “um pássaro sozinho é só um pássaro sozinho / uma revo-



ada de pássaros é muito maior que isso”, lê-se em um dos poemas, ecoando a ideia de que a potência está no coletivo, no agrupamento, na comunhão entre espécies.

Dia Bárbara Nobre destaca que “mais do que um livro de poesia, é um convite irrecusável para nos deixarmos devorar de dentro para fora”. Já a escritora Bárbara Mançanares ressalta a potência luminosa da escuridão como prerrogativa para o retorno ao sonho: “cada poema é um fóssil de beleza estarrecedora”. A orelha do livro aponta ainda para a figura da voz poética como uma “Indiana Jones mineira”, que nos convida a romper a casca e adentrar a língua.

“venho do faroeste mineiro / onde grande parte do ano / o céu parece derramar prosecco / na população / que sem abandonar / as britadeiras busca na terra / alguma coisa que não seja / poeira”, escreve Thaís, ancorando sua poesia na paisagem de Minas Gerais e na experiência de quem habita um território de britadeiras e poeira, mas também de afetos e bichos. A mineiridade, no entanto, não é um fim em si mesma, mas um ponto de partida para uma reflexão mais

ampla sobre o corpo, a memória e a animalidade que nos constitui.

O corpo, em “enxame”, é território de conflito e acolhimento. A poeta investiga desde a memória celular de um peixe abissal até a gestação de um teratoma, passando pela pele de lagartixa e pelas garras de gata. “sou uma praga / acostumada a se atacar / para nunca ficar / sem o que roer”, afirma um dos versos, numa imagem que a posfaciadora Maria Emanuelle Osório Prates conecta às doenças autoimunes, lembrando que as mulheres são 78% das pessoas afetadas por esse tipo de condição. A leitura de Thaís, segundo Prates, “para além da dimensão ecológica e contemporânea de seus versos, me leva a reflexões imunológicas”.

“enxame” chega ao público em um momento de efervescência da poesia brasileira contemporânea, trazendo a voz de uma autora que já se consolidou como uma das vozes mais instigantes de sua geração. O livro é dedicado a Tagore e Adelaide, seus gatos, numa homenagem que já anuncia o tom afetivo e selvagem que percorre toda a obra.

Sobre a autora Thaís Campolina (@thacampolina) (Divinópolis, 1989) é autora dos livros de poesia “eu investigo qualquer coisa sem registro” (Crivo Editorial, 2021) e “estado febril” (Macabéa, 2024), além das plaquetas “noticiosas”, “línguas soltas” (Primata, 2024) e “frigideira”

(Tato Literário, 2024). Publicou também o conto “Maria Eduarda não precisa de uma tábua ouija” (2020) em formato ebook. É mediadora de leitura nos clubes Cidade Solitária, Leia Mulheres Divinópolis e Casa das Poetas, e curadora da página Bafo de Poesia.

Sobre a orlando nasceu para dar voz a escritores independentes com qualidade e profissionalismo. Com o lema “Histórias que desafiam o tempo”, oferece serviços completos de edição, revisão, design e divulgação, além de catálogos organizados em selos específicos: zigzagague

(infantil), dobradura (poesia), espiral (ficção) e brecha (não ficção). Mais que publicar livros, aposta em estratégias de visibilidade para conectar autores e leitores. Saiba mais em editora-orlando.com.br e no Instagram @[editoraorlando](https://www.instagram.com/editoraorlando).

BIOGRAFIA COM A HISTÓRIA DE CARLOS GOMES PARA O PÚBLICO INFANTOJUVENIL

Escrita por Fabiano Ormaneze (@fabianoormaneze) e Francisco Lima Neto (@jornalistafranciscolina), obra tem ilustrações de Vienno

A Editora Mostarda (@editora-mostarda) lança o livro “Carlos Gomes: O maestro do Brasil”, de Fabiano Ormaneze e Francisco Lima Neto, com ilustrações de Vienno. A obra faz parte do selo “Nossa Gente”.

Voltada ao público infantojuvenil e como parte das comemorações pelos 190 anos de nascimento do compositor, o livro conta a história do campineiro que, no final do século XIX, tornou-se mundialmente conhecido por causa de suas obras, entre elas, a ópera “O Guarani”, baseada no romance de José de Alencar.

Carlos Gomes nasceu em Campinas, em 11 de julho de 1836, e morreu em 16 de setembro de 1896, em Belém, pouco tempo depois de assumir o cargo de diretor do recém-criado Conservatório de Música da capital paraense. Fruto de uma pesquisa em diversos arquivos sobre a vida e a obra do compositor, a biografia conta bastidores do trabalho como músico e fatos pouco conhecidos da vida de Carlos Gomes.

A história mostra, por exemplo, uma série de dificuldades financeiras pelas quais ele passou. Na adolescência, o compositor foi professor de música para filhos de fazendeiros na região de Campinas, para ajudar no sustento da família. “Há também muitas curiosidades, como o acervo de plantas e animais brasileiros ele que mantinha em casa, na Itália, além das relações com a Família Imperial brasileira e com o movimento abolicionista”, explica Ormaneze.

Em linguagem simples e contextualizada, a narrativa mostra também como o preconceito racial marcou a vida de Carlos Gomes, principalmente, porque, ao longo

de muitas décadas, ele foi retratado como um homem branco, apagando suas origens africanas. “A avó de Carlos Gomes foi uma mulher escravizada. Na Europa, pela cor da pele e cabelo, ele era considerado como exótico e selvagem, como mostram diversas publicações da época, consultadas durante as pesquisas para a obra”, comenta Lima Neto.

Sobre os autores:

Fabiano Ormaneze é jornalista, escritor, professor, pesquisador e, por tudo isso, apaixonado por biografias, tema ao qual se dedicou no mestrado e no doutorado, ambos pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Escreve para crianças, adolescentes e adultos, sempre tendo em mente que a melhor matéria-prima para uma boa história é a vida humana. Cursou jornalismo na PUC-Campinas e especialização na Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Foi repórter e editor em jornais e revistas, assessor de imprensa e revisor, embora goste mesmo de estar na sala de aula, contando histórias e ensinando outros a se tornarem também autores. Está sempre em busca do próprio personagem ou de uma boa história. Pela Editora Mostarda, já publicou as biografias de Milton Santos, Mário Juruna, Madalena Paraguaçu, João do Rio, Aleijadinho, Padre Cícero e, agora, Carlos Gomes.

Francisco Lima Neto é um jornalista e escritor, graduado pela PUC-Campinas e pós-graduado em Matriz Africana. Com sólida trajetória na imprensa paulista e nacional, ele acumula passagens por veículos de grande relevância como a Folha de S. Paulo, a Rádio CBN, o Correio Popular e o Hora Campinas, destacando-se principalmente na cobertura de temas ligados a cotidiano e direitos humanos. Como autor de literatura infantojuvenil pela Editora Mostarda, ele se consolidou na escrita de obras voltadas à diversidade e ao anti-



racismo, sendo responsável por biografias de grandes personalidades negras e indígenas, como Luiz Gama, Ailton Krenak e Laudelina de Campos Mello, transformando o resgate histórico em ferramenta de transformação social.

Bio do Ilustrador: Vinícius Xavier (Vienno) é escritor e ilustrador de livros infantis. Publicado pela Companhia das Letrinhas, Leituriha e FTD Educação, o autor faz uso de cores, texturas e formas para narrar com fantasia e encantamento histórias do cotidiano. Formado em Artes Visuais pela PUC Campinas, ele também atua no mercado da animação e trabalhou em séries como O Menino Maluquinho da Netflix e Cosmo, o Cosmonauta, um projeto financiado pela Ancine e transmitido pela MAX. É agenciado pela Advocate:

agência internacional de ilustradores e hoje atua como professor de iniciação artística para crianças de 2 a 10 anos e ministra oficinas para todas as idades em instituições como o SESC. Em 2024 foi selecionado para compor o 15º catálogo de ilustradores da Iberoamérica Ilustra.

Sobre a Editora Mostarda A Editora Mostarda nasceu com o compromisso de fortalecer a educação por meio de histórias que ampliem a representatividade e valorizem identidades historicamente invisibilizadas. Seu catálogo inclui a Coleção Black Power, com biografias ilustradas de personalidades negras, e a Coleção Kariri, dedicada a lideranças indígenas brasileiras.

Site: www.editoramostarda.com
 no Instagram: @[editoramostarda](https://www.instagram.com/editoramostarda)

SONHO REALIZADO: BAILARINO DE MOGI DAS CRUZES QUE VIVE NA RÚSSIA ESTREIA COM O BALÉ DO THEATRO MUNICIPAL DO RJ



O sonho começou no Corujão.

Aos 8 anos, Gabriel Lopes assistiu ao filme Billy Elliot durante o Corujão da TV Globo e saiu com uma certeza: queria ser bailarino. O menino de Mogi das Cruzes (SP) transformou esse desejo em profissão. Formou-se pela Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, em 2016, construiu carreira na Rússia e, recentemente, subiu ao palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro ao lado da russa Natalia Osipova, uma das maiores bailarinas do mundo.

Agora, Gabriel realiza outro grande sonho. Nos dias 21, 23 e 25 de agosto, o bailarino estreia como convidado do Ballet do Theatro Municipal no papel de Basílio, protagonista de Don Quixote, contracenando com a primeira bailarina Juliana Valadão, no papel de Kitri. A direção

geral é de Hélio Bejani.

“É uma realização antiga. Poder interpretar Basílio com o Ballet do Theatro Municipal é uma conquista enorme. Ao assistir a Billy Elliot, vi aquele menino lutando para realizar o sonho de dançar e pensei: ‘É isso que eu quero para a minha vida’. Sempre volto a esse filme quando preciso me reconectar com esse sonho. Ele me lembra por que escolhi a dança. Estar agora no palco centenário do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, um dos mais emblemáticos do Brasil, é como fechar um ciclo, ressalta Gabriel.

Juliana Valadão também comemora a parceria. “A expectativa para dançar Don Quixote ao lado do Gabriel é enorme. É uma alegria dividir o palco com um jovem bailarino que vem se destacando na cena internacional.



Don Quixote exige confiança, cumplicidade e muita energia e, desde os primeiros ensaios, já senti que temos uma

sintonia maravilhosa. Estou muito feliz e animada para viver esse momento ao lado dele.”



**LEIA! SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.
SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.**

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: lacrezine@gmail.com

“O PRINCÍPIO DO ESPANTO”, DO GRUPO MORPHEUS DE TEATRO, ABRE PROGRAMAÇÃO DO PROJETO SEGUNDAS DE SOLO

Iniciativa do espaço ^oAndar, na Santa Cecília, convida artistas renomados ou iniciantes para apresentar seus trabalhos sempre nas segundas-feiras, às 20h

O projeto Segundas de Solo, do espaço ^o Andar, anuncia a sua programação para o segundo semestre de 2026. E o primeiro a se apresentar é o artista João da Silva Araujo, do Grupo Morpheus, com o espetáculo de teatro de bonecos O Princípio do Espanto, em cartaz por lá de 3 a 31 de agosto, às segundas, às 20h.

Este delicado e instigante trabalho convida o público a mergulhar em uma experiência poética na qual o silêncio fala mais alto do que qualquer palavra. Em cena, um boneco acredita conduzir o mundo à sua frente — manipula objetos, cria movimentos, apaixonou-se. No entanto, desconhece completamente aquilo que o move: o homem por trás de seus gestos.

Ao mesmo tempo, esse homem, criador e condutor, também carrega sua própria cegueira. Convencido de seu controle, ignora as forças invisíveis que o atravessam e o conduzem. Assim, homem e boneco compartilham uma condição comum: a ilusão do domínio e o mistério de sua própria origem.

Sem recorrer à fala, o espetáculo constrói uma narrativa sensível e provocadora, na qual o gesto, a presença e o silêncio tecem uma relação profunda entre criador e criatura. Trata-se de um convite à contemplação — um encontro com o desconhecido que habita em nós e ao redor de nós, despertando no público o assombro diante daquilo que, mesmo invisível, nos constitui.

Programação

Dando continuidade à programação, de 7 a 28 de setembro, o Segundas de Solo recebe Para Além da Fresta, com texto e atuação de Beto Matos e direção de Marcos Azevedo, da Cia. Phila 7. O trabalho revisita a cena emblemática do jovem que se colocou na frente de uma coluna de tanques de guerra, em 1989, após o massacre de centenas de estudantes que ocuparam a Praça da Paz Celestial, em Pequim, na China, pedindo por

liberdade de imprensa e democracia.

O monólogo traz à cena essa imagem, que se tornou ícone de resistência do século 20, a partir da perspectiva do soldado que dirigia o tanque. Essa atuação performativa, de caráter poético, investiga o uso de imagens na construção de narrativas a partir da criação e manipulação de registros audiovisuais. É o próprio ator quem opera as imagens, através de um computador, um projetor de vídeos e uma câmera, criando uma intermediação midiática e simbólica entre a subjetividade do personagem e o público.

Já a atração de outubro, entre os dias 5 e 28, é o solo Inefável, com direção de Ana Paula Dias e atuação de Telma Fernandes. Em cena, uma intérprete percorre um espaço em constante metamorfose, onde teatro físico, dança, projeções, desenho de luz, paisagens sonoras, maquinários e objetos compõem uma dramaturgia visual e performativa.

O solo propõe uma travessia sensível sobre aquilo que nos constitui como humanidade: afetos, gestos herdados, costumes, silêncios transmitidos, experiências que moldam nossa identidade e as marcas deixadas por vivências socioculturais. A ideia é convidar o público a experimentar presenças e ausências que habitam, também, as histórias de quem assiste.

Por fim, encerrando a programação do semestre, o solo Criatura, uma Autópsia, de Bruna Longo, pode ser conferido de 2 a 30 de novembro. O trabalho debruça-se sobre temas como o ato da criação, a solidão e a busca por identidade e pertencimento, friccionando a vida da escritora Mary Shelley e sua obra mais famosa, o romance “Frankenstein, ou O Prometeu Moderno”.

O espetáculo não se propõe a traçar uma biografia da Criatura ou tampouco da autora, torna-se uma autópsia de um romance e de uma personagem, revelando as entranhas, artérias, musculatura de dores pessoais e universais.

Sobre o Segundas de Solo

Em todo semestre, o espaço ^oAndar apresenta quatro trabalhos de artistas renomados e iniciantes,



sempre às segundas-feiras, às 20h. Os espetáculos são selecionados pela equipe artística do ^oAndar e abrangem diversos gêneros.

Cada solo fica em cartaz durante um mês, o que proporciona uma variedade de opções para o público. O projeto é realizado de forma independente, sem aporte financeiro, e conta com a parceria dos artistas que se apresentam e do espaço ^oAndar. Essa iniciativa demonstra o compromisso do espaço cultural em fomentar a produção artística e oferecer opções culturais.

Sobre ^oAndar - ^oAndar é um espaço dedicado à troca artística, intelectual e cultural. A programação da casa conta com workshops, projetos de inovação e empreendedorismo, laboratórios artísticos, exploração de novas linguagens e palestras, que visam aperfeiçoamento e expansão do conhecimento artístico e cultural, para todos que buscam ampliar seu potencial humano. Cada um dos espaços é direcionado para uma atividade, mas em todos, nosso foco é trazer o aprendizado através da prática e

troca intelectual. Você pode conferir a agenda completa no site do espaço: www.oandar.com

Serviço Segundas de Solo - 2º Semestre de 2026 Segundas-feiras, às 20h ^oAndar - Rua Dr. Gabriel dos Santos, 88, Santa Cecília (perto do metrô Marechal Deodoro), São Paulo

O Princípio do Espanto Quando: 3 a 31 de agosto de 2026 Às segundas-feiras, às 20h Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$30,00(meia-entrada) Vendas online em <https://www.sympla.com.br/produtor/segundasdesolo> Duração: 45 minutos Classificação: 14 anos

Programação do Segundas de Solo

Agosto - 3 a 31/8 - O Princípio do Espanto, Grupo com Morpheus de Teatro

Setembro - 7 a 28/9 - Para Além da Fresta, com Cia. Phila 7

Outubro - 5 a 26/10 - Inefável, de Ana Paula Dias e Telma Fernandes
Novembro - 2 a 30/11 - Criatura, Uma Autópsia, de Bruna Longo



MUSICAL “É MELHOR SER ALEGRE QUE SER TRISTE” FAZ HOMENAGEM A VINICIUS DE MORAES, AO LEMBRAR SUAS CANÇÕES E POEMAS

Com direção musical de Ogair Júnior. Tributo ao Poetinha é comandado pelas cantoras Graziela Medori, Jane Duboc e pelo ator e cantor Juan Alba, dirigidos por Fernando Cardoso. O espetáculo faz parte das comemorações de 30 anos da Mesa2, criada pelos empresários, diretores artísticos e produtores culturais Fernando Cardoso e Roberto Monteiro.

Com direção musical de Ogair Júnior, o espetáculo “É Melhor Ser Alegre Que Ser Triste” relembra os grandes sucessos e poemas que marcaram a carreira de Vinicius de Moraes (1913-1980), o eterno Poetinha. O musical acontece no Teatro do SESC Santo Amaro, de 7 a 9 de agosto, com apresentações na sexta e no sábado, às 20h, e no domingo, às 18h (depois da sessão de domingo, haverá bate-papo com o trio de cantores, o diretor geral e o diretor musical do espetáculo).

Em um cenário que faz referência às calçadas das praias cariocas, o tributo traz canções interpretadas por Graziela Medori, Jane Duboc e Juan Alba, como “Eu sei que vou te amar”, “Bom dia tristeza”, “Chega de Saudade” e “Pra Que Chorar”, além de poemas como “Soneto da Separação”. As obras são acompanhadas por fragmentos de histórias das quatro décadas de Vinicius e seus parceiros como Tom Jobim, Baden Powell, Adoniran Barbosa, Carlos Lyra e Toquinho, contadas por Alba.

O roteiro é assinado por Fernando Cardoso e pela jornalista Cíça Corrêa. E, na banda, estão Ogair Júnior (piano e acordeon), Jorge Ervolini (violão e guitarra), Robertinho Carvalho (contrabaixo) e Giba Favery (bateria).

Dos mesmos diretores e produtores de Palavra de Mulher, um musical em homenagem aos 70 anos de Chico Buarque, o espetáculo continua a pesquisa dos criadores Fernando Cardoso e Roberto Monteiro sobre grandes nomes da MPB. “A espinha dorsal dos dois trabalhos segue a mesma lógica baseada nas composições musicais de grandes poetas brasileiros”, afirma Fernando Cardoso.

Nas palavras do diretor:

“É melhor ser alegre que ser triste... Mas sem um bocado de tristeza não se faz uma obra tão espetacular como a que nos deixou Vinicius de Moraes, o Poetinha. Poetinha, não! Um baita poeta, dono de vários dos mais belos versos da língua portuguesa. E é para homenageá-lo que concebe-

mos este espetáculo. As semanas de mergulho na obra e na vida de Vinicius de Moraes me revelaram um homem fascinante. Uma figura humana que foi ainda maior que sua obra. Um homem que viveu como quis e sorveu a vida até a última gota. Apaixonado pelas mulheres e pelos amigos. Paixão que transformou vários desses amigos em parceiros, da vida e da música. E que parceiros geniais teve o Poetinha! Alguns estão no roteiro deste espetáculo – escrito por mim em parceria com a talentosa jornalista Cíça Corrêa –, como Tom Jobim, Baden Powell, Adoniran Barbosa, Carlos Lyra e Toquinho. Outros, igualmente importantes, ficaram de fora. Um bom motivo para um É Melhor Ser Alegre que Ser Triste 2, quem sabe?!

Para dar voz à essa música que é também poesia, convidamos Graziela Medori, Jane Duboc e Juan Alba. Duas grandes cantoras e um talentoso ator/cantor. Eles sabem a importância que as palavras têm nas canções de Vinicius de Moraes e seus parceiros. E para acompanhá-las quatro excelentes músicos: Ogair Júnior ao piano e acordeon (também diretor musical e arranjador), Robertinho Carvalho no contrabaixo, Jorge Ervolini na guitarra e violão, e Giba Favery na bateria.

É Melhor Ser Alegre que Ser Triste é, sim, um espetáculo muito especial!

Obrigado Vinicius de Moraes por transformar, como ninguém, tristeza em imensa alegria. SEMPRE TE AMAREMOS.”

Fernando Cardoso

Sobre a MESA2 Criada em 1996 por Fernando Cardoso e Roberto Monteiro, inicialmente como uma produtora de vídeo, a MESA2 tem se destacado ao longo dessas três décadas por produzir espetáculos de música e peças de teatro, além de cuidar da carreira de grandes talentos dessas artes como a própria Virgínia Rosa, Debora Falabella, Naruna Costa, Lucinha Lins, Ailton Graça e outros tantos artistas.

Sobre Jane Duboc Com muitos



prêmios e reconhecimento do público e da crítica, Jane Duboc foi considerada uma das 100 melhores vozes brasileiras pela revista Rolling Stone Brasil, participou dos principais festivais de Jazz do mundo.

Em 2006, seu álbum, Uma Voz... Uma Paixão, foi indicado ao Grammy Latino como “Melhor Álbum de MPB”. Além dos seus quase 30 álbuns, Jade Duboc tem participação em cem discos de notórios artistas como, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Hermeto Pascoal, Roberto Sion, Sarah Vaughan.

Sobre Graziela Medori

Filha da cantora Claudya e do instrumentista Chico Medori, a cantora Graziela Medori começou profissionalmente na música quando tinha 16 anos. De lá para cá, a artista coleciona em seu currículo discos, singles e a participação em diversos projetos, incluindo os programas The Four Brasil (TV Record) e The Voice Brasil (TV Globo). Recentemente, ela está trabalhando na divulgação dos álbuns “Graziela Medori canta Marcos Valle” e “Forró de Pai pra Filha”.

Sobre Juan Alba Ator e cantor brasileiro, com uma carreira consolidada em emissoras como Globo, Record e SBT. Também tem uma trajetória de destaque em espetáculos musicais, tendo protagonizado montagens de grande sucesso, como Sidney Magal: Muito Mais que um Amante Latino e New York, New York.

Ficha Técnica Idealização: Fernando Cardoso. Roteiro: Cíça Corrêa e Fernando Cardoso. **Elenco:** Graziela Medori, Jane Duboc e Juan Alba. Direção musical e arranjos: Ogair Jr. Direção Geral: Fernando Cardoso. Piano/Acordeon: Ogair Júnior. Violão e Guitarra: Jorge Ervolini. Contrabaixo: Robertinho Carvalho. Bateria: Giba Favery.

Serviço: É Melhor Ser Alegre Que Ser Triste, tributo à Vinicius de Moraes Quando: 7 a 9 de agosto de 2026 Na sexta e no sábado, às 20h, e no domingo, às 18h Sesc Santo Amaro Ingressos: R\$40,00 (inteira), 20,00 (meia), e 12,00 credencial plena Vendas online em: <https://www.sescsp.org.br/unidades/santo-amaro/> 12 anos Duração: 90 minutos.

CIA. EMVERSÃO FALA SOBRE ADOÇÃO E LUTO EM PEÇA QUE TEM NOVA TEMPORADA GRATUITA NO TEATRO ARTHUR AZEVEDO



Com texto e direção de Bernardo Fonseca Machado, espetáculo encerra trilogia de peças Ensaios Sobre a Morte, composta ainda por Relicário Inventado e Epitáfio

Inspirado em casos reais de adoção, “Jabuticaba nasce no tronco”, novo trabalho da Cia. EmVersão, com direção, texto e idealização de Bernardo Fonseca Machado, ganha nova temporada gratuita no Teatro Arthur Azevedo (@teatroarthurazevedosp), de 20 de agosto a 6 de setembro, com sessões de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 19h. O espetáculo é estrelado por Barroso, Fábila Mirassos, Jennifer Souza, Rodrigo de Castro e Vitória Cortez.

O trabalho, que aborda o fim de vínculos antigos e o nascimento de novos laços, encerra a trilogia Ensaios so-

bre a Morte, que ainda contou com os trabalhos Relicário Inventado (2011), sobre a partida do outro; e Epitáfio (2013/2014), sobre a morte em si. Cada uma dessas obras é atravessada por um verbo que orienta dramaturgia, encenação e atuação: na primeira, a ação era “inventar” a memória; no segundo, “escolher” o próprio fim; e, agora no novo espetáculo, “costurar” histórias, raízes e pertencimentos.

Ambientado entre os anos de 1990 e 2008, na cidade de São Paulo, Jabuticaba nasce no tronco acompanha a trajetória de quatro crianças órfãs — Bento, Ifigênia, José e Miuza — que chegam juntas à casa de acolhimento de Maria, uma senhora viúva que recebe crianças para garantir sua subsistência. Após um período de convivência e



algumas visitas de casais interessados em adotar, cada uma delas segue para um destino diferente. Dezoito anos depois, os quatro se re-encontram em um velório, momento em que precisam revisitar suas histórias e lidar com a busca por suas origens.

Cada personagem representa um aspecto da experiência adotiva. Maria, figura central, é inspirada em mulheres que atuaram informalmente como cuidadoras nas décadas de 1980 e 1990. Bento é uma criança que sofre a troca de nome ao ser adotado por um casal de classe média alta, o que desencadeia uma crise de identidade. Ifigênia é deixada pela avó e depois devolvida pela família adotiva que buscava apenas uma criança de “companhia”. José nasce de uma gravidez indesejada e encontra afeto apenas após desencontros. Miuza é retirada da mãe pelo Estado e adotada por um pai solo que valoriza a educação.

Assim, o espetáculo aborda as expectativas das crianças e as experiências que enfrentam: o luto pelo fim das relações familiares originais, a dificuldade com os novos vínculos, suas fantasias, os desejos de parentalidade, a relação com a herança biológica, as ações de apagamento das famílias de origem, o surgimento de novas famílias (multirraciais, monopa-

rentais) e a busca pelas origens.

A encenação tem como eixo simbólico o tecido — elemento que sintetiza a representação das relações afetivas no universo da adoção. Pensando os vínculos familiares como uma trama de fios, a montagem parte da ideia de que o afeto pode ser costurado, mas também pode ser rompido, cortado ou desfeito. A adoção, nesse contexto, é compreendida como um gesto de unir partes distintas por meio de uma costura, que tanto pode formar um laço quanto um nó — frouxo ou apertado, simples ou complexo, que conecta ou tensiona os sujeitos envolvidos.

O texto transita entre o diálogo e a narração, promovendo um jogo cênico em que passado e presente se interpelam, isto é, uma cena cotidiana narrada em 1990 assume um significado áspero sob um diálogo ocorrido em 2008 e vice e versa.

A peça dialoga com os preceitos de consolidação do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente e nasce do desejo de Bernardo Fonseca Machado de criar um trabalho que refletisse a perspectiva de quem viveu a experiência da adoção. Inclusive, o próprio autor e diretor, que é pretendente à adoção, tem pesquisado o tema desde 2018, tendo feito cursos de formação de instituições

como o GAASP (Grupo de Apoio à Adoção em São Paulo) e o Tribunal de Justiça de São Paulo.

O espetáculo faz parte de um projeto contemplado pela 21ª Edição do Prêmio Zé Renato – Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa.

Ficha Técnica: Texto, Direção e Idealização: Bernardo Fonseca Machado **Elenco:** Barroso, Fábila Mirassos, Jennifer Souza, Rodrigo de Castro e Vitória Cortez Stand in: Rafael Americo Musicistas em cena: Gago e Sérgio Wontroba Trilha Sonora: Gutti Vellutini

Sinopse: Num funeral, quatro pessoas se reencontram depois de 18 anos. A última vez em que se viram, eram crianças prestes a serem adotadas. Agora conversam e relembram cenas antes da adoção, os primeiros momentos com as novas famílias e imaginam seus futuros.

Serviço: Jabuticaba nasce no tronco, com Cia. EmVersão- De: 20 de agosto a 6 de setembro de 2026 De quinta-feira a sábado, às 20h, e aos domingos, às 19h **Teatro Arthur Azevedo** - Av. Paes de Barros, 955 - Alto da Mooca. **Grátis, distribuídos uma hora antes de cada sessão** - 10 anos - 130 minutos.



Instagram: @jabuticabanascentronco / @paulamalfatti / @bernardofmachado / @guti.vellutini / @fernandogrowald / @barrosoe / @andreasoguimaraes / @luiseixas / @vitoria_cortez_cohn @rodrigodecastro / @fabiamirassos @jennifersouza / @kleber_montanheiro



BETE COELHO E CAMILA PITANGA ESTREIAM “LIA LIA” EM SÃO PAULO



Camila Pitanga e Bete Coelho estreiam *Lia Lia*, com elenco formado também por Roberto Audio, Laís Lacôrte, Lindsay Castro Lima e coro cênico, cenários de Daniela Thomas e direção de Bete Coelho e Gabriel Fernandes. (créditos: Gleeson Paulino/Teatrofilme | Ricardo Cefalli/Teatrofilme)

Adaptação do romance de Caetano Galindo, com direção de arte de Daniela Thomas, peça da companhia Teatrofilme estreia no Centro Cultural FIESP, após grande sucesso no interior do estado.

Juntas pela primeira vez no palco, Bete Coelho e Camila Pitanga apresentam o espetáculo *Lia Lia* em São Paulo, no Centro Cultural FIESP, em curta temporada, até 9 de agosto. A trama existencial da companhia Teatrofilme é uma adaptação do romance de Caetano Galindo e já passou por Sorocaba, Ribeirão Preto, Itapetininga, São José dos Campos, Rio Claro e Campinas. Codirigida por Gabriel Fernandes e pela própria Bete, com direção de arte de Daniela Thomas, a montagem conta com Roberto Audio, Laís Lacôrte e Lindsay Castro Lima no elenco, além de um coro cênico, com a participação de alunas do NAC – Núcleo de Artes Cênicas do Sesi-SP.

Lia Lia é uma adaptação do livro *Lia: Cem vistas do Monte Fuji* (Companhia das Letras, 2024), de Caetano W. Galindo, primeiro romance de ficção do autor, que já tem uma série de trabalhos com a Teatrofilme, como *Molly* – Bloom (2022)

e Ana Lúvia (2023). A proposta de Galindo, inspirada nas *Cem vistas do Monte Fuji*, série de gravuras do artista japonês Katsushika Hokusai, desafia convenções narrativas e explora a complexidade da identidade humana, fazendo com que as percepções sobre a personagem sejam construídas a partir de um quebra-cabeças emocional e sensorial.

A obra foi adaptada para o teatro pela própria Bete Coelho, em um trabalho de criação conjunta com os integrantes da companhia e que conta com textos inéditos do autor, trechos não publicados na edição original do livro. “O elenco tomou posse do texto e essa é a melhor maneira de fazer uma adaptação com brilho. Foram capazes de entender os detalhes da estrutura literária e traduzir isto para o teatro, a partir de fragmentos de um livro que já é composto por fragmentos. Assim, a visão estritamente dramática de uma companhia que domina com perfeição os elementos da linguagem teatral traz ao público uma obra nova e, por isso mesmo, ainda mais preciosa”, apresenta o autor Caetano Galindo.

Lia, interpretada por Bete e

por Camila, é uma personagem marcada pela complexidade e pela recusa a uma identidade fixa ou facilmente definível. Ela surge para o espectador em diferentes fases da vida, estados de espírito e contextos afetivos, revelando contradições, fragilidades, forças. E, com este processo, vem a reflexão sobre a natureza humana e a nossa própria existência. “Estamos muito felizes de como conseguimos transpor para o teatro a beleza e a grandiosidade desta obra. São personagens muito bem delineadas e uma trama concebida de uma forma autoral, ousada e absolutamente contemporânea, que nos permite expressar diversos elementos das gramáticas teatral e cinematográfica”, afirma Bete Coelho.

Como a mais nova integrante da companhia, Camila Pitanga celebra: “Fazer parte da Teatrofilme é a realização de um desejo acalentado há muitos anos: contracenar com Bete Coelho. A Bete é uma atriz que me emociona e uma diretora que me inspira preciosos novos caminhos. É um sonho viver a paixão em comum que temos pelo teatro, esse ofício em que a gente se

coloca por inteiro. Me sinto provocada, desafiada e, ao mesmo tempo, muito acolhida. Embarquei na poética e no fazer teatral da companhia, numa união de forças, pois temos histórias que, diferentes, são muito complementares”.

Vários elementos conceituais da Teatrofilme estão presentes nesta montagem, como a celebração do fazer teatral; a força do protagonismo feminino; o uso de elementos da linguagem cinematográfica (neste caso, os cortes e a livre edição de cenas); a água como elemento estrutural, universal e de transição; a decisão de ir até o público, contribuindo para ampliar e formar plateia, artistas e profissionais de teatro; e a ruptura com as narrativas tradicionais. “Narrativas não-lineares têm composto nosso repertório desde sempre, como esta construção inquietante e desafiadora proposta por Galindo: recortes da vida apresentados como uma sucessão de momentos que se interligam. E isto está na essência da arte cinematográfica e no trabalho de outros escritores, como James Joyce”, bem observa Gabriel Fernandes.

Interligações sugeridas pelo emaranhado de fios, linhas que costuram rasgos da vida, um dos elementos principais da cenografia criada a partir da visão artística de Daniela Thomas, que ganha ainda mais relevo e dinâmica com a luz desenhada por Beto Bruel. O figurino é de Renata Correa, que criou também para *Petra*, da Teatrofilme, em 2024.

Ao longo de sua temporada, o espetáculo *Lia Lia* conta com a participação de alunas do Núcleo de Artes Cênicas – NAC, do Sesi-SP, polo de excelência em formação e criação teatral, com acesso gratuito, que democratiza o acesso às artes cênicas e revela talentos por meio de processos pedagógicos rigorosos e experiências artísticas de alto nível. A cada cidade, duas novas alunas do NAC participaram do coro cênico desta montagem, recurso dos diretores que amplia a dimensão simbólica

da narrativa. “Como vozes coletivas que ecoam, direcionam, tensionam e contrapõem significados, o coro contribui para dar ritmo e atmosfera a algumas cenas, articulando palavras, sons, expressões e movimentos de corpo que fortalecem a potência narrativa e sensorial do espetáculo”, observa Lindsay Castro Lima

Um coro que espelha – ou mesmo ironiza! – pensamentos, anseios e receios do público, do autor e da própria protagonista, Lia, que, de forma inteligente, sensível e muitas vezes introspectiva, reflete o mundo enquanto age nele, deixando transparecer inquietações, relações de amor e indiferença, além de pausas e silêncios tão significativos quanto suas palavras. Mais do que uma protagonista tradicional, Lia é um conjunto de sensações, devaneios e ausências, cuja essência só se forma no acúmulo das múltiplas percepções que se tem ao longo do espetáculo. E, talvez, nem aí.

“Lia Lia é um espetáculo criado para acalantar a alma: uma encenação generosa e acolhedora que abraça o público por meio do que há de mais sensível e essencial no teatro – a presença. Investir no espetáculo Lia Lia é honrar o compromisso do Sesi-SP com o fomento à arte e à cultura no estado de São Paulo, ao mesmo tempo em que reafirma seu papel formativo ao oferecer às alunas e ex-alunas dos Núcleos de Artes Cênicas (NAC) a oportunidade de participar integralmente do processo de criação de um espetáculo desta relevância e dimensão. Trata-se de uma proposta completa, que prioriza a circulação pelos teatros do Sesi no interior do estado, ampliando o acesso e fortalecendo a difusão cultural, configurando-se como uma importante oportunidade de formação, desenvolvimento artístico e encontro sensível entre artistas e público”, afirma Anna Polistchuk, Analista de Atividades Culturais do Sesi-SP.

Sinopse

Lia Lia, nova produção da

Teatrofilme, é um álbum de retratos, coleção de fotos soltas numa caixa empoeirada. O que lhe dá sentido, e ordem, é apenas a pessoa que viveu. É assim que vamos conhecer Lia, que acompanhamos por toda uma vida feita à nossa frente em fragmentos, lascas, marcas e relances. Um quebra-cabeça cênico que se forma e se conecta quase aleatoriamente para revelar aos poucos a personagem interpretada pelas atrizes Bete Coelho e Camila Pitanga. Lia vai sendo construída e apresentada em momentos marcantes ou banais, em situações e lugares diversos, detalhando memórias, sensações e sentimentos, vivenciados principalmente por ela, mas não só. Lia vê o mundo e é vista por ele: a experiência é mútua e complementar. As pessoas que a veem e que com ela se relacionam ora narram, ora participam de sua vida, ajudam a traduzir por meio de Lia e na companhia dessa mulher aparentemente comum, a pura, simples e imensa complexidade de existir.

Teatrofilme

Companhia teatral brasileira fundada em 2009, a partir da montagem do espetáculo O Homem da Tarja Preta (de Contardo Calligaris), sempre guiada por um compromisso profundo com a coletividade, o fazer em conjunto e o amor ao teatro como linguagem essencial para discutir questões humanas e sociais. Tendo como força basal o trabalho de ator e a centralidade da dramaturgia apoiada por elementos da linguagem cinematográfica, a companhia consolidou um repertório reconhecido por sua consistência e relevância, que inclui também O Terceiro Sinal (de Otavio Frias Filho, 2010); Cartas de Amor para Stalin (de Juan Mayorga, 2011); Mãe Coragem (de Bertolt Brecht, 2019); Medeia (de Consuelo de Castro, 2021); Gaivota (de Anton Tchekhov, 2021); Molly – Bloom (monólogo final de Ulysses, de James Joyce, 2022); Ana Lúvia (de Caetano Galindo, 2023) e Petra (de Rainer Werner Fassbinder, 2024), mesclando

dramaturgia contemporânea e performances intensas que reafirmam seu compromisso com a experimentação estética e a reflexão sobre temas essenciais.

SESI-SP

O Sesi-SP oferece atividades culturais gratuitas em linguagens como música, artes cênicas, artes visuais, audiovisual e difusão literária. Juntas, as atividades promovidas já alcançaram quase 20 milhões de pessoas. São 19 teatros, sete centros culturais, oito espaços de exposição, três estações de cultura, 97 núcleos para iniciação e formação de pessoas nas áreas de música, teatro, dança e circo, além de uma unidade móvel que percorre todo o estado. Em 2026, mais três teatros e três centros culturais devem ser inaugurados. A entidade reforça seu compromisso de oferecer ao público uma programação diversa, contundente e sempre gratuita, alinhada aos aspectos sociais e artísticos da contemporaneidade. E de atuar na área de produção cultural, impulsionando a economia criativa e contribuindo para o aperfeiçoamento artístico. Em 2024, a instituição comemorou seis décadas de história, cultura e inovação de um de seus mais importantes projetos de democratização do acesso à cultura: o Teatro do Sesi-SP, palco de espetáculos marcantes ao longo das últimas décadas.

NAC | Núcleo de Artes Cênicas do Sesi-SP

Criado em 1987, o NAC é um dos maiores projetos culturais do Sesi-SP. Sua missão é democratizar o acesso à cultura e à arte, respeitando as diferentes formas de aprendizagem e expressão. Incentiva, ainda, a exploração da criatividade, tendo como base a sensibilização do ser através da experiência estética. Com turmas em todo o estado, o projeto oferece gratuitamente cursos livres de iniciação teatral para crianças a partir de 8 anos, adolescentes e adultos, em 32 unidades do Sesi-SP no estado de São Paulo. Em 2027,

o NAC completará 40 anos com atividades ininterruptas.

Ficha Técnica: Texto: Caetano W. Galindo Adaptação: Bete Coelho Direção: Bete Coelho e Gabriel Fernandes Elenco: Bete Coelho, Camila Pitanga, Roberto Audio, Laís Lacôrte e Lindsay Castro Lima Coro cênico: Agnes Nabiça, Daniela Nery, Daisy Oliveira, Gabriele Clemente, Kov Dias, Wil Campos e Luana Menezes (na primeira semana) / Rafaela Joana (a partir da segunda semana) Direção de arte: Daniela Thomas Cenário: Daniela Thomas e Felipe Tassara Produção: Teatrofilme Realização: Sesi

SERVIÇO: Lia Lia Peça de Teatro, com Bete Coelho, Camila Pitanga e elenco Local: Centro Cultural FIESP | Avenida Paulista, 1313, São Paulo – SP (em frente à estação Trianon-Masp da Linha 2 Verde do Metrô) Até 9 de agosto. Quinta a sábado, às 20h; domingos, às 18h Entrada gratuita – reservas de ingressos no site Meu Sesi (www.sesisp.org.br). / 80 minutos / 14 anos @teatrofilme

Fernando Sant’Ana

Com sua ajuda financeira,

podemos financiar parte

das

nossas atividades e

investir ainda

mais na revista e na

qualidade dos

nossos produtos e

serviços. Qualquer

contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix:

(11) 99664-5072

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

E-MAIL:

paginaleste@hotmail.com
laczine@hotmail.com



*... Não para
não! Quinzena
que vem tem
mais LacrE.
Leia, se gostar,
mande em
frente...*

Com sua ajuda financeira, poderemos
financiar parte das nossas atividades
e investir ainda mais na revista e
na qualidade dos nossos produtos e
serviços.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: laczine@gmail.com.

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

e-mail:

paginaleste@hotmail.com

laczine@hotmail.com